Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco nº 73 - Distribuição gratuita - *www.suplementopernambuco.com.br*

PERNAMBUCO

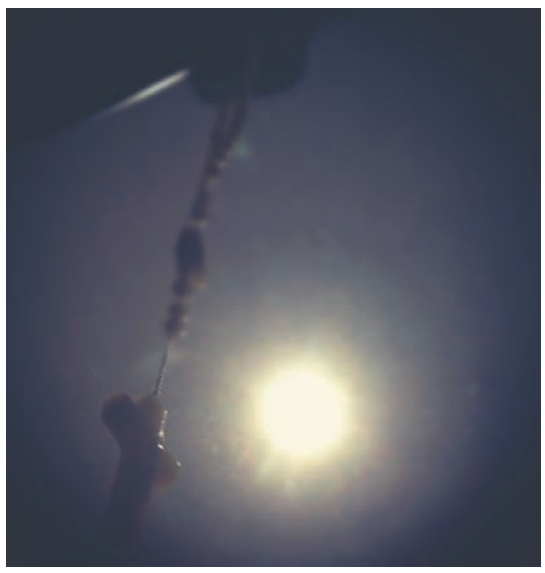
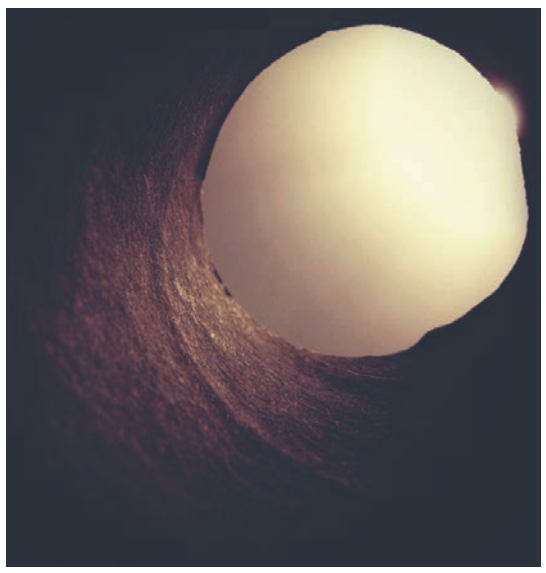
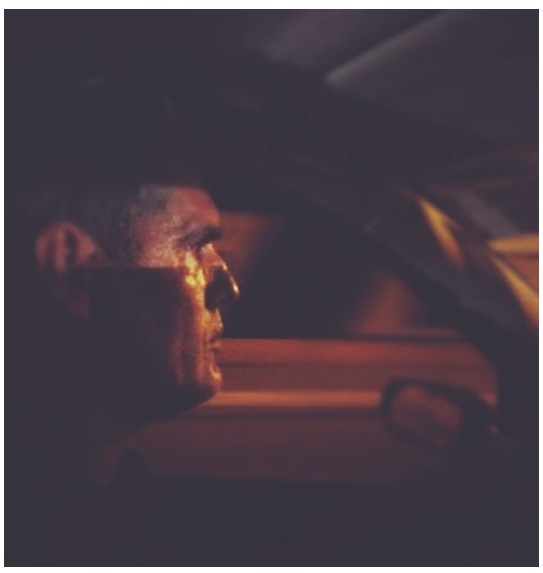
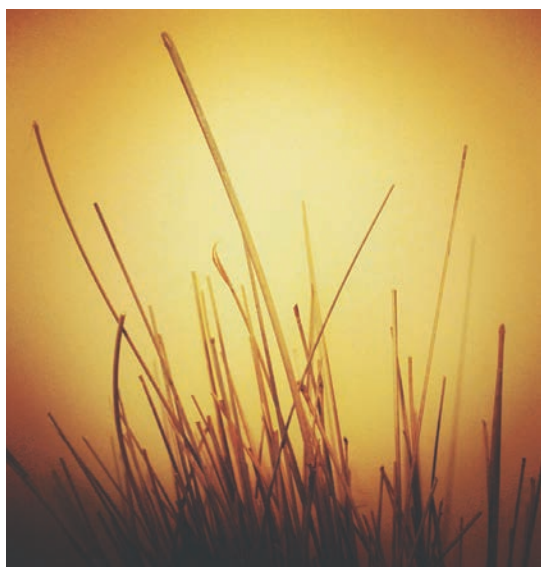
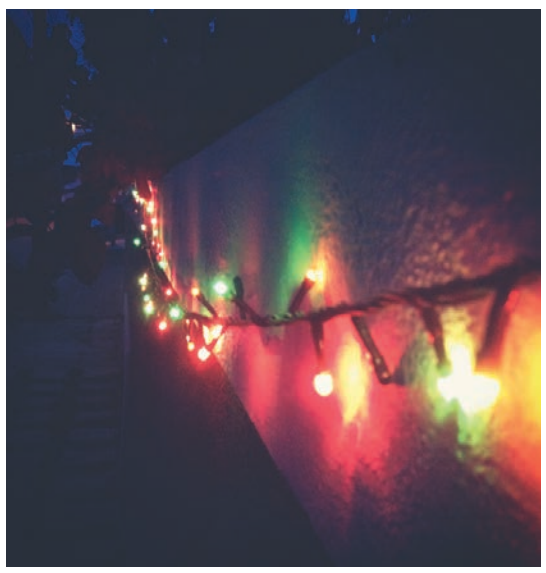
REPRODUÇÃO/ACERVO DA FAMÍLIA

EDIÇÕES BAGAÇO RELANÇA *UM CAVALEIRO DA SEGUNDA DECADÊNCIA*, DE HERMILO BORBA FILHO, OBRA SEMINAL QUE PROPÕE UM DESNUDAMENTO PESSOAL E HISTÓRICO

DE CORPO INTEIRO

TATIANA SALEM LEVY | ENTREVISTA COM LOURENÇO MUTARELLI | ROBERTO BOLAÑO

GALERIA

IGO BIONE

"Descubro a fotografia todos os dias, a cada *click*, em cantos da cidade onde estou. A fotografia me proporciona uma ferramenta de aprendizado e conhecimento próprio e do mundo em que vivo. Com ela, acabo desvendando meus pensamentos, ideias, descubro pessoas, histórias, erros e acertos. Enxergo luzes onde antes não conseguia ver, tenho a possibilidade de desfocar a minha visão, focar minhas decisões. Mas o mais importante, e que ainda estou aprendendo e descobrindo a cada *click*, é o pensar fotográfico, aquela hora em que temos que parar, abaixar a câmera e apenas observar. Observar os detalhes, fatos, momentos, histórias. Posso eternizar o momento que continua a passar pelo tempo."

www.flickr.com/igobione
e no instangram seu nome de usuário é @igobione

CARTA DO EDITOR

O escritor Hermilo Borba Filho é um daqueles segredos que Pernambuco guarda do resto do Brasil. É autor de uma tetralogia seminal, que mistura sua própria biografia com os altos e baixos da história do país, sempre guiado pelos extremos da carne e do espírito. Para marcar a (silenciosa) reedição que a Editora Bagaço realizou do escritor, o **Pernambuco** deste mês apresenta aos leitores um dossiê sobre essa obra *sui generis* da literatura nacional, que nos faz compreender algumas das particularidades que formam o *éthos* pernambucano.

Convidamos a jornalista e doutora em sociologia Carolina Leão para olhar pelo buraco da fechadura do imaginário oferecido por Hermilo Borba Filho. Em seu texto, a pesquisadora disseca questões polêmicas, como a relação do pernambucano com a literatura de Henry Miller. "Comparações são inevitáveis. Na literatura também. Mas, como índices, elas apenas apontam. Como placas no caminho, elas sempre mostram para onde se deve ir, não como chegar lá. Racionais, impedem que nos percamos no trajeto quando precisamos economizar tempo e dinheiro; não nos garantem, porém, se chegaremos no referencial desejado. É natural que muitos leitores tenham encontrado Hermilo pela associação ao libertino e libertário Miller – Hermilo fez do sexo, como Nelson Rodrigues ou Marques de Sade, matéria-prima criativa", observa Carolina.

Nessa edição oferecemos ao leitor uma rara oportunidade de conferir a produção poética de Roberto Bolaño, nome de ponta da literatura contemporânea, cuja poesia permanece inédita no Brasil. A tradução ficou por conta do jornalista e escritor Ronaldo Bressane, um "bolaniano" de primeira linha. Vale muito a pena o leitor conferir a homenagem que o poeta Ricardo Domeneck presta à Prêmio Nobel Wisława Szymborska, falecida mês passado e só há pouco traduzida para o Brasil. Ainda no terreno da homenagem, Marcelino Freire, a nosso pedido, disseca vida e obra do escritor Wilson Bueno.

A entrevista do mês traz revelações de um dos nomes mais ímpares da literatura brasileira, Lourenço Mutarelli, que recebeu a repórter Carol Almeida para uma conversa em seu apartamento em São Paulo.

Boa leitura e até abril.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes, Debóra Nascimento, Ingrid Melo, Mariana Oliveira e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Sobre quem segue o fluxo da maré e da chuva

Em seu segundo romance, a premiada escritora portuguesa radicada no Brasil descreve personagens guiados pela força dos elementos da natureza

KARINA FREITAS

Tatiana Salem Levy

Meus livros nascem sempre de um impulso da realidade. Pode ser uma paisagem, uma voz, uma pessoa, um acontecimento, um relato, o importante é que algo me toque e, assim, me leve a explorá-lo.

Em 2007, depois de lançar *A chave de casa* em Portugal, fui passar cinco meses na França, com uma bolsa de tradução. Decidi ir com uma amiga para a Córsega, e me encantei tanto com o panorama quanto com as histórias da ilha. Dessa experiência, surgiu a vontade de escrever um romance ambientado lá. No final daquele mesmo ano, voltei para o Brasil e fui para Dois Rios, na Ilha Grande, e pensei em criar uma história que juntasse esses lugares que, embora diferentes, compartilham um modo de vida.

O ilhéu tem uma forma particular de relação com o tempo. Na contramão do que se tornou o mundo – veloz, ansioso, impaciente – os habitantes das ilhas seguem o fluxo das marés, da chuva e do sol e, assim, vivenciam o tempo de uma forma mais orgânica. Se há uma coisa que eles aprendem desde cedo é esperar. Contra uma tempestade ou um mar agitado, nada podem senão aguardar a calmaria.

Esse foi o ponto de partida do meu segundo romance. Eu queria poder falar da passagem das horas, dar ao leitor essa vivência cada vez mais rara. Os personagens foram surgindo aos poucos: os irmãos gêmeos, Antônio e Joana, e a francesa misteriosa que surge na vida deles, Marie-Ange.

Então, outra questão ganhou contorno: a do duplo. Eram duas ilhas, dois irmãos, duas histórias paralelas, uma na voz de Joana, outra na voz de Antônio. Imaginei esses irmãos se apaixonando pela mesma mulher, e de que forma o amor os transformaria, levando-os a explorar um passado em comum.

No meio do processo de escrita, senti a necessidade de voltar aos lugares que haviam dado origem ao livro, para poder colher mais material, observar novamente as características de seus habitantes, seus hábitos, sua culinária. Voltei à Córsega, onde aluguei um carro para poder circular livremente, percorrer as estradas, os diferentes vilarejos e, só então, decidi que a história se passaria em Nonza, um charmoso povoado incrustado na montanha, repleto de turistas no verão, mas vazio no resto do ano.

Eu tive a sorte de ir lá com amigos corsos, frequentei as famílias mais tradicionais, e isso me permitiu entrar na cultura da região. Além disso, por coincidência, naquele momento eu estava fazendo um pós-doutorado sobre o escritor alemão W.G. Sebald, e descobri um texto dele sobre a Córsega que terminou por ser fundamental para o meu romance. Sebald fala da tradição corsa em relação aos mortos, aos fantasmas, à bruxaria.

Esse universo fantasmagórico sempre me fascinou, a possibilidade de diálogo com os mortos. Nós vivemos hoje numa sociedade tão apressada que mal temos tempo para o luto. Somos intimados a ficar bem logo, atropelar o tempo da dor, mas os mortos não vão embora, permanecem conosco, e o luto é um processo demorado.

Dois Rios, mais até do que Nonza, é um cenário de ruínas, onde se vê claramente que houve vida, e dessa vida não restaram senão vestígios. O vilarejo foi erguido para acolher as famílias dos policiais que trabalhavam na colônia penal Cândido Mendes, implodida na década de 1990, quando a maior parte dos moradores terminou por abandonar o povoado.

Antônio e Joana são netos de um policial, e passaram as férias da infância em Dois Rios, onde souberam da morte do pai. Vinte anos depois, ainda precisam elaborar essa perda e suas consequências e, para que esse processo se concretize, será necessário o encontro com Marie-Ange. A partir da paixão, eles vão reviver a experiência da ilha, a relação com o mar e o tempo.

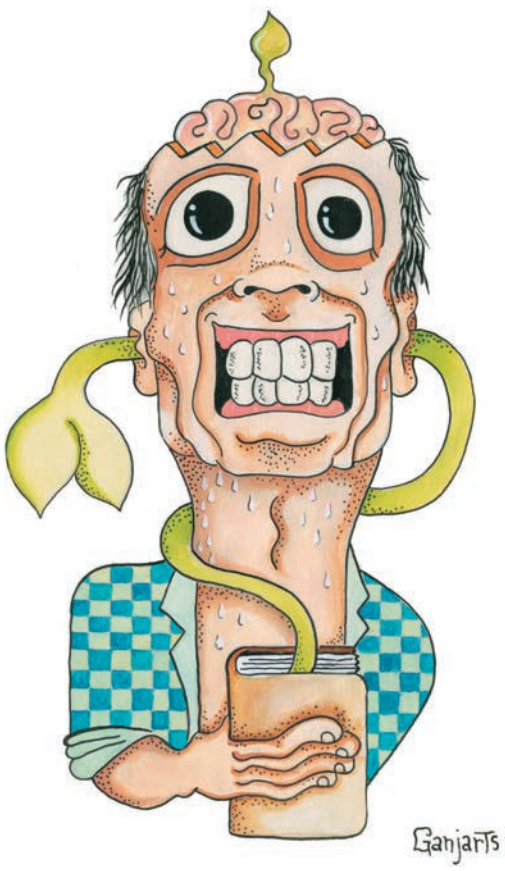
Na primeira parte do romance, o mar impulsiona Joana ao movimento. Na segunda, Antônio aguarda o retorno de Marie-Ange, que partiu num barco.

Essa ideia da espera também foi fruto de uma experiência real, e muito triste. Eu estava passando um tempo em Lisboa, quando uma amiga recebeu a notícia de que seu irmão tinha ido pescar em Cabo Verde e não havia voltado. Isso acontece com certa frequência. Alguns desses barcos, inclusive, terminam chegando ao Brasil, à deriva. Durante três semanas eu vivi, com e por ela, a angústia da incerteza. Meses mais tarde, quando eu estava escrevendo o livro, a imagem de alguém à espera de um barco reapareceu, mas eu a transformei completamente. Porque escrever é isso, partir da realidade para transformá-la e, com as palavras, tentar se aproximar das coisas que realmente importam.

O LIVRO

Dois rios
Editora Record
Páginas 224
Preço R$ 34,90

CARTUNS
GANJARTS



TRADUÇÃO

Sonhos e pesadelos de Roberto Bolaño

Numa série de devaneios, escritor chileno revela seus medos e referências literárias

1. Sonhei que Georges Perec tinha três anos e visitava minha casa. O abraçava, o beijava, lhe dizia que era um menino precioso.

9. Sonhei que Macedonio Fernández aparecia no céu de Nova York em forma de nuvem: uma nuvem sem nariz nem orelhas, mas com olhos e boca.

11. Sonhei que em um cemitério esquecido da África encontrava a tumba de um amigo cujo rosto já não podia recordar.

13. Sonhei que lia Stendhal na Estação Nuclear de Civitavecchia: uma sombra deslizava pela cerâmica dos reatores. É o fantasma de Stendhal, dizia um jovem com botas e nu da cintura pra cima. E você, quem é?, perguntei. Sou o yonqui da cerâmica, o húsar da cerâmica e da merda, disse.

14. Sonhei que estava sonhando, tínhamos perdido a revolução antes de fazê-la e decidia voltar para casa. Ao tentar me enfiar na cama encontrei De Quincey dormindo. Acorda, dom Tomás, lhe dizia, já vai amanhecer, você tem que ir. (Como se De Quincey fosse um vampiro.) Mas ninguém me escutava e eu voltava a sair para as ruas escuras da Cidade do México.

15. Sonhei que via nascer e morrer Aloysius Bertrand no mesmo dia, quase sem intervalo de tempo, com se os dois vivêssemos dentro de um calendário de pedra perdido no espaço.

17. Sonhei que era um detetive velho e enfermo e que buscava gente perdida havia muito tempo. Às vezes me olhava por acaso num espelho e reconhecia Roberto Bolaño.

20. Sonhei que o cadáver voltava à Terra Prometida montado em uma Legião de Touros Mecânicos.

23. Sonhei que voltava da África em um ônibus cheio de animais mortos. Numa fronteira qualquer aparecia um veterinário sem rosto. Sua cara era como um gás, mas eu sabia quem era.

24. Sonhei que Philip K. Dick passeava pela Estação Nuclear de Civitavecchia.

29. Sonhei que traduzia Virgilio com uma pedra. Estava nu sobre uma grande pedra de basalto e o sol, como diziam os pilotos de caça, flutuava perigosamente às 5.

31. Sonhei que a Terra acabava. E que o único ser humano que contemplava o fim era Franz Kafka. No céu, os Titãs lutavam até a morte. De um banco de ferro forjado de um parque em Nova York, Kafka via arder o mundo.

32. Sonhei que estava sonhando e que voltava para casa muito tarde. Na minha cama encontrava Mario de Sá-Carneiro dormindo com meu primeiro amor. Ao descobri-los, percebia que estavam mortos e mordendo-me os lábios até sangrar eu voltava aos caminhos vicinais.

SOBRE O TRADUTOR

Ronaldo Bressane é jornalista e escritor e assina o blog *Impostor* (*http://impostor.wordpress.com/*)

KARINA FREITAS

34. Sonhei que era um detetive latino-americano muito velho. Vivia em Nova York e Mark Twain me contratava para salvar a vida de alguém que não tinha rosto. Vai ser um caso condenadamente difícil, senhor Twain, dizia a ele.

36. Sonhei que fazia um 69 com Anaïs Nin em cima de uma enorme rocha de basalto.

37. Sonhei que fodia com Carson McCullers numa casa em penumbras na primavera de 1981. E nós dois nos sentíamos irracionalmente felizes.

40. Sonhei que uma tempestade de números fantasmais era a única coisa que restava dos seres humanos três bilhões de anos depois que a Terra havia deixado de existir.

42. Sonhei que tinha 18 anos e via meu melhor amigo de então, que também tinha 18 anos, fazendo amor com Walt Whitman. Faziam numa poltrona, contemplando o entardecer borrascoso de Civitavecchia.

45. Sonhei que Pascal falava do medo com palavras cristalinas em uma taberna de Civitavecchia: "Os milagres não servem para converter, senão para condenar", dizia.

47. Sonhei que Baudelaire fazia amor com uma sombra numa casa onde haviam cometido um crime. Mas Baudelaire não estava nem aí. "É sempre a mesma coisa", dizia.

50. Sonhei que depois da chuva um escritor russo e também seus amigos franceses optavam pela felicidade. Sem perguntar nem pedir nada. Como quem se derruba sem sentido sobre seu tapete favorito.

53. Sonhei que voltava às estradas, mas desta vez não tinha 15 anos e sim mais de 40. Só tinha um livro, que levava em minha pequena mochila. De repente, enquanto ia caminhando, o livro começa a arder. Amanhecia e quase não passavam carros. Enquanto jogava a mochila chamuscada em um canal, senti que minhas costas coçavam como se tivesse asas.

55. Sonhei que ninguém morre na véspera.

56. Sonhei que um homem voltava sua vista atrás, sobre a paisagem anamórfica dos sonhos, e que sua mirada era dura como aço mas também se fragmentava em múltiplas miradas cada vez mais inocentes, cada vez mais deslavidas.

57. Sonhei que Georges Perec tinha três anos e chorava desconsoladamente. Eu tentava acalmá-lo. O pegava os braços, lhe comprava guloseimas, livros para pintar. Logo íamos para o Passeio Marítimo de Nova York e enquanto ele descia pelo escorregador eu me dizia a mim mesmo: não sirvo para nada, mas servirei para cuidar de você, ninguém te fará mal, ninguém tentará te matar. Depois começava a chover e voltávamos tranquilamente para casa. Mas onde estava nossa casa?

Brasil não conhece poesia de Bolaño

Schneider Carperggiani

A Companhia das Letras está realizando um ótimo trabalho em editar a obra do escritor chileno Roberto Bolaño (1950-2003), ainda que cometa alguns pecados na escolha de certos títulos. Por que deixar de lado a enciclopédia farsesca de monstros que é *La literatura nazi en América* e preferir o confuso *Monsieur Pain?* O mais recente a sair no Brasil é a coletânea de contos *Chamadas telefônicas*, que destaca o talento de Bolaño com narrativas breves, sobretudo para o leitor que teve contato com o seu legado a partir de "gigantes" como *Detetives selvagens* e *2666*. No entanto, sua poesia permanece inédita no Brasil.

Até meados dos anos 1990, Bolaño havia dedicado a maior parte dos seus escritos à poesia, ainda que fosse um poeta irregular. Mas aí está o detalhe *sui generis* do seu universo: trata-se de um autor exemplar em escrever sobre poetas de obra incompleta, ou mesmo inexistente (gente que acreditava que a vida é um modo de fazer literatura); e não um grande poeta de fato. É sobre isso que trata algumas das suas obras seminais como *Detetives selvagens* e *Estrela distante*, narrativas sob o signo do horror político vivido pela América Latina na segunda metade do século passado.

O começo da sua produção poética data de meados dos anos 1970 e foi marcada pelo juvenil *Manifesto Infrarrealista*, que propunha uma nova poética para um continente enclausurado por ditaduras, onde os grandes ídolos da literatura já não pareciam mais fazer qualquer sentido. O *Manifesto Infrarrealista* se orgulhava de que seus "parentes" mais próximos eram os "francoatiradores, os planeiros solitários que assolam os cafés dos mestiços da latino-américa, os massacrados em supermercados, em suas tremendas desjuntivas indivíduo-coletividade; a impotência da ação e da busca (a níveis individuais ou bem enlameados em contradições estéticas) da ação poética".

O *Manifesto Infrarrealista* tornou-se famoso justamente por ter sido ficcionalizado em *Detetives selvagens*, que descreve as angústias de um grupo de jovens escritores à solta na turbulenta capital mexicana dos anos 1970. Nessa época, refugiado do Chile de Pinochet, Bolaño e seus companheiros infrarrealistas eram inspirados sobretudo pela literatura beatnik norte-americana. Essa sua produção inicial foi reunida em publicações de vida efêmera, atualmente relíquia para colecionadores.

Na sua poesia é possível encontrarmos a gênese de uma das temáticas favoritas da sua literatura: o fascínio pelo clima *noir* de livros policiais, numa série de poemas sobre detetives (é famosa a declaração de Bolaño de que seu sonho era ser detetive criminal). Essa série, e boa parte da sua poesia, está reunida na antologia póstuma *La universidad desconocida*.

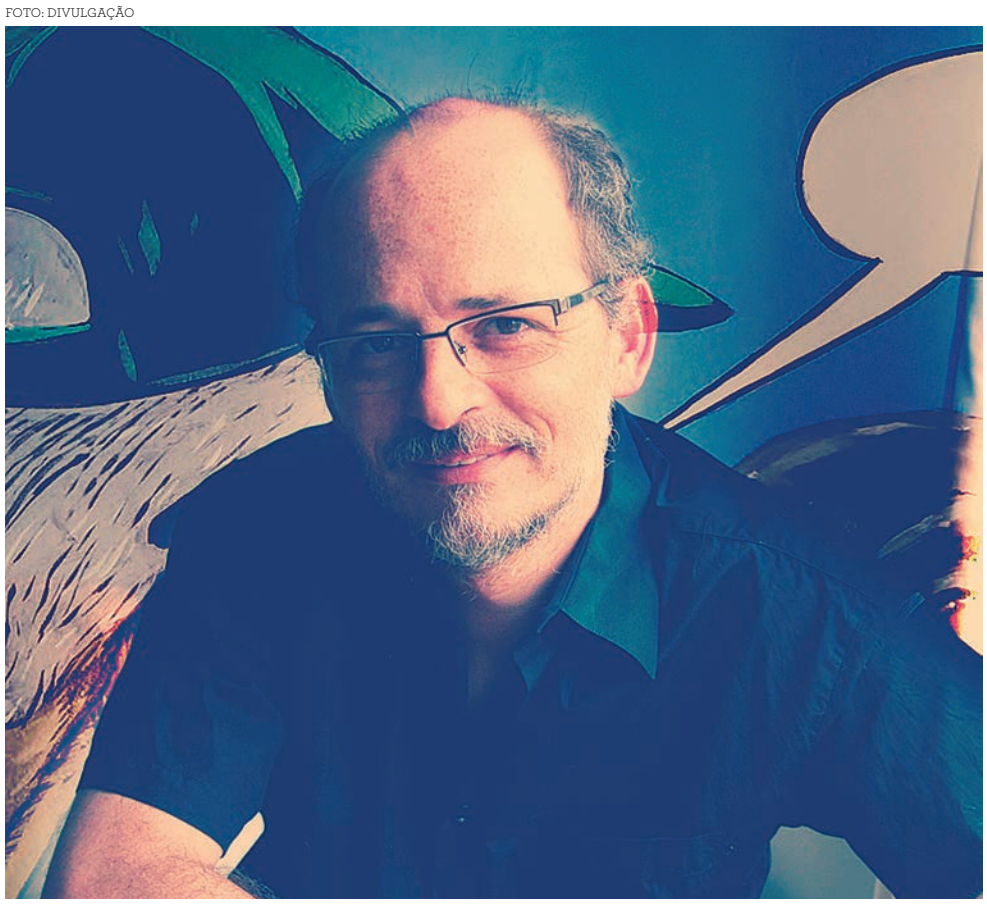
O escritor Ronaldo Bressane traduziu alguns poemas do livro póstumo *Tres*, em que o escritor lista uma série de sonhos e pesadelos (na verdade, o imaginário do escritor é sempre atravessado por um certo tom onírico e surrealista), que acaba deixando transparecer algumas das suas maiores influências literárias. É o caso de Georges Perec. Então, para os leitores do **Pernambuco** deste mês, um Bolaño inusitado.

ENTREVISTA
Lourenço Mutarelli

Algumas incertezas em meio ao aroma de café e nicotina

Repórter reencontra um dos mais curiosos escritores em atividade no Brasil e discute sobre opiniões que se perdem com o tempo e o tênue limite dos gêneros literários

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Carol Almeida**

Após sete anos, retorno ao apartamento no segundo andar do edifício da Vila Mariana, São Paulo, onde Lourenço Mutarelli vive ao lado de sua esposa, Lucimar, e do filho, agora adolescente, Francisco. Há mais gatos pela casa – cinco ao todo –, mais livros nas estantes e mais quadros nas paredes. Algumas dessas molduras exibem "mimos" dos trabalhos mais recentes do autor, como as caixas de cigarro que incensaram o filme *Natimorto*, protagonizado pelo próprio Mutarelli e adaptado de um romance homônimo do mesmo autor. Longe do cenário asfixiante do longa, mas ainda envolvidos pelo perfume da nicotina e do café que acabou de sair da cafeteira italiana, conversamos sobre distanciamento, interpretação, sínteses, processos e, claro, mais objetivamente sobre quadrinhos, já que Mutarelli lançou recentemente *Quando meu pai se encontrou com o ET fazia um dia quente*, álbum que, embora tenha saído pelo selo de quadrinhos da Companhia das Letras, despertou dúvidas nos leitores quanto as insígnias de sua forma. Dedicado cada vez mais a uma literatura, em quadrinhos ou romanceada, a que ele chama de "experimental", o escritor e desenhista paulista pensa agora em usar um artifício das artes plásticas para ironizar a falta de compreensão que alguns possam ter de seu trabalho. Para ele, num mundo em que as compressões precisam ser imediatas, talvez seja a hora de colocar "plaquinhas" que legendem e expliquem exatamente o que ele faz. Só que ao contrário.

Você gosta de ler sobre as coisas que escrevem sobre você?
Não leio. Nunca li. Tem tese, entrevistas, mas nunca li nada. Às vezes dou pra Lu, minha mulher, ler.

Dia desses Laerte falou que não gosta de ler sobre quando falam mal dele porque geralmente ele concorda.
É verdade, mas até mesmo quando falam bem, ou quando é entrevista, sei lá. Você fala um monte de besteira ou, mesmo que não seja besteira, às vezes você fala uma coisa em que você acredita num momento e depois, passam dois dias, e você não acredita mais.

A se falar em entrevistas suas, de opiniões que você pode não mais ter, li uma recente em que você falava que o mundo lá fora está ficando doente e é a partir daí que ele começa a reconhecer teu trabalho. Ainda acredita nisso?
Acho que o mundo está muito doente, porque as pessoas estão muito distantes do que seria a realidade e isso tem a ver com o consumismo. Vejo assim: quando comecei a tomar antidepressivo, que não tomo mais, era raríssimo ver alguém tomando também. Era começo dos anos 1990, fim dos anos 1980. Hoje em dia é difícil quem não tome. E esse tipo de medicação te distancia muito, te tira muita sensibilidade.

Existe uma coerência na tua obra, seja em quadrinhos, romance, cinema ou teatro, que são teus personagens. Quase todos são contidos e estão a ponto de explodir. É mais ou menos essa sensação que você sente nas pessoas?
A realidade prática da vida é absurda. Você precisa criar escapes para poder viver nesse modelo e precisa rever um bocado de coisa. A escola, por exemplo, tem que ser repensada. Não são pequenas mudanças que farão a diferença. Mas acho que existe uma esperança de que as coisas deem certo. Deve ser por isso que tem essa coisa de 2012, para que a gente tenha esperança que uma catástrofe consiga parar tudo pra gente recomeçar.

> *Mas confesso que estou começando a achar cada vez mais difícil ler clássicos. Porque nossa língua é viva e tem mudado*

> *O processo é o que vale, é isso o que eu quero explorar. Quero coisas que estejam impregnadas pelo processo*

O que as escolas poderiam fazer para mudar?
Para começar, acho que não dava para ter aula de 50 minutos. Não dava pra fragmentar as matérias como elas são fragmentadas. Devia haver três professores e mais diálogo em sala, não tinha que ter essa forma de avaliação com provas. Também não dá pra ter 100 alunos por classe. Mas para as escolas é caro bancar os professores e a manutenção e aí lhe resta seguir o padrão. A gente jogou nessa última Mega Sena da virada, de R$ 170 milhões, e eu estava falando com a Lu que se a gente ganhasse, podíamos fazer uma escola como a gente pensa que ela poderia ser.

Conversamos em 2005 e você disse que queria fazer uma história em quadrinhos de terror.
Nem me lembro disso.

Pois é, mas você falou que seria uma história de terror suburbano para falar um pouco da experiência que você teve com seu irmão.
Falei isso?

Falou.
É porque essa coisa do crack é filme de zumbi, né? É exatamente isso.

Você está acompanhando esse processo de desocupação da Cracolândia em São Paulo?
Um pouco. Mas é um problema muito difícil e não vejo solução. Acho que está totalmente errado o que eles estão fazendo, mas não dá pra tirar o pessoal dali. Não tenho esperança. A desocupação é isso, é interesse imobiliário, porque ninguém quer aquele cara ali. É horrível falar isso, mas não consigo ver uma reabilitação. Talvez uma minoria, um ou outro que quiser muito, mas quando as pessoas chegam naquele estágio é porque já desistiram. São pessoas que não conseguiram entrar no jogo absurdo do sistema.

Faz parte então dessa doença do mundo que você estava falando?
Sim, faz parte. Vejo pelo meu irmão. Porque tem uma hora que a única coisa que ele quer é a droga e aí não importa, ele vai até comer lixo.

De quem você se influencia hoje?
Ano retrasado o Antonio Prata me indicou o Kurt Vonnegut, que é um escritor americano que já morreu e foi o cara que mais me influenciou antes mesmo de eu ter lido ele. Tem muito a ver com meu trabalho. E não é porque faço algo parecido com o que ele faz. Falo em influências quando vejo como aquelas pessoas resolveram bem suas questões em suas obras. E não por que tento fazer um trabalho parecido com o que leio. Mas houve uma época, por exemplo, em que me sentia tão influenciado pelo William Burroughs, que fiz um livro meio misturado com ele, mas era na verdade uma homenagem.

Qual o livro?
O do *Amores expressos*.

Se costuma muito associar teu trabalho a Kafka e Dostoiévski.
Essas foram minhas primeiras influências. Lembro que li uma versão de *Crime e castigo* que devia ter 90 páginas, era uma versão para estudantes. E gostei tanto que fui atrás do livro mesmo. Li três vezes, em três diferentes momentos da minha vida. Mas confesso que estou começando a achar cada vez mais difícil ler clássicos. Porque nossa língua é viva e tem mudado muito. E o ritmo das coisas é diferente.

Você está cedendo ao 'sistema' da língua?
Totalmente. Acho que meus livros refletem isso também. Escrevo muito pra quem não gosta de ler. Meus livros são rápidos. Não sei se naquela época as pessoas ganhavam por caracteres, mas sempre dá pra você tirar o extrato das coisas.

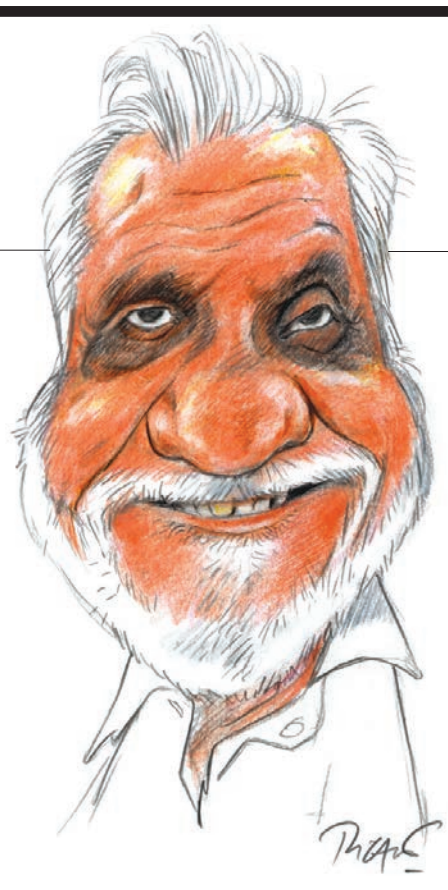
Muito se questionou se *Quando meu pai se encontrou com o ET fazia um dia quente* era realmente quadrinhos. Para você existe alguma fronteira que determine que até ali é quadrinhos e depois não?
Fiz esse álbum porque fui convidado por uma produtora que se chama RT, junto com a Companhia das Letras, para fazer uma história em quadrinhos. E eu não estava a fim ainda de voltar aos quadrinhos. Tenho feito muita coisa experimental, mas ainda não cheguei no que quero. E quando comecei essa história em quadrinhos, vi que não ia ter gás e propus uma história ilustrada, que chamei exatamente assim. Mas quando terminei e saiu o livro, começo a achar agora que é quadrinhos. Teve até um amigo que falou uma coisa interessante, ele disse: "pô, quadrinhos é arte sequencial, essa história é toda fora de ordem, como você vai chamar isso de quadrinhos?". Mas enfim, confesso que chegou em mim menos polêmica do que achei que haveria. Porque nesse meio as pessoas são tão fechadas que pensei que teria gente que ia querer me processar.

Se *Quando meu pai...* é um primeiro capítulo de uma experimentação que você está fazendo com quadrinhos, o que vem mais por aí?
Tenho feito algumas coisas, mas o que estou querendo fazer em quadrinhos tem um pouco a ver com as instalações de artes plásticas. Você vai ver uma instalação, aí tem uns canudos vermelhos e do lado uma plaquinha falando que o autor tirou 15 litros de sangue e tudo aquilo é o sangue dele. Aí você fala: "ah legal, o sangue dele...". As plaquinhas então serão necessárias. Comecei uma história que era assim: sem esboço, sem roteiro, sem nada. Começo a desenhar. Vou virando a página e desenhando outra e a história vai se criando ali. E aí quando a história começa a se organizar e ficar linear, eu boto um personagem novo e aquela narrativa se quebra. Fui fazendo dessa forma e cheguei a umas 80 e poucas páginas. Dei para algumas pessoas lerem e elas não entenderam que, assim como o que eu fiz era experimental, a forma delas lerem também tinha que ser experimental. Então talvez eu precise explicar isso.

Você acha que o exercício de interpretação é cada vez mais custoso às pessoas?
Muito. E quando você fala então em experimental, aí é que a coisa fica difícil mesmo. Porque experimental é sempre "coisa que eu não vou entender". É porque tem coisa que não posso falar. Mas vamos lá. Essa coisa de quadrinhos em editora grande, por exemplo. Como acho que eles pensam? Posso estar errado, mas o pior é que eu posso estar certo. Você junta lá os "bacana", os "cabeção" da editora, uns meninos de 30 anos, descolados, super ligados com tudo de melhor que existe no mundo, totalmente antenados com Nova York, Berlim... E aí eles olham para um livro e vem a pergunta: "E isso aqui?" "Ah, isso aí não é mais legal." "O que é que é legal?" "Ah, acho que legal agora é isso aqui". E aí se cria uma ditadura. Eu vou lá e pergunto por que não publicam mais o William Burroughs ou o Kurt Vonnegut? E a resposta é porque eles estão fora de moda.

Você vai voltar a fazer quadrinhos agora ou fazer romances?
Tenho que terminar o livro dos *Amores expressos* e tenho umas encomendas que estão atrasadas. Mas estou, sim, fazendo quadrinhos e continuo minhas experimentações. E ano que vem vou lançar meus cadernos laboratórios, que são as coisas que eu mais gosto de tudo que fiz, porque são coisas inacabadas. Vai se chamar *Sketchbook*. Se bem que ele não é um sketchbook. Não é um estudo para alguma coisa, é um exercício de pensamento mesmo. Para mim, o processo é o que vale, é isso que quero explorar cada vez mais. Quero coisas que estejam impregnadas do processo.

Carol Almeida é jornalista.

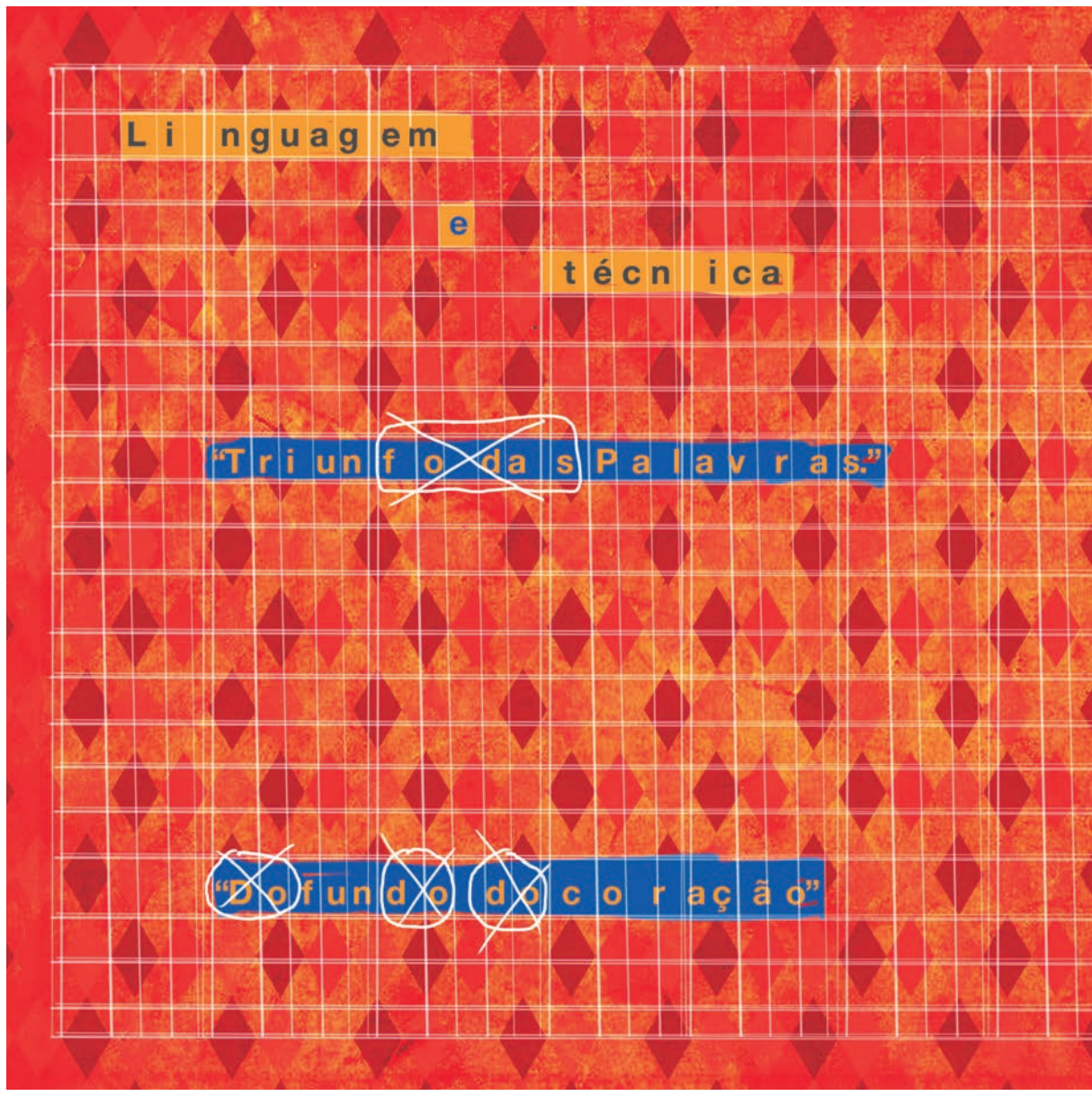


Raimundo
CARRERO

Não duvide, a linguagem pede muito molejo

Cuidado com o que você fala ou escreve, no caminho pode haver um "palavrão"

KARINA FREITAS



Uma oficina literária se divide em dois planos: linguagem e técnica.A linguagem pede equilíbrio e harmonia nas palavras, frases cuidadosas, parágrafos em geral curtos e objetivos.Há expressões coloquiais que precisam ser esquecidas quando integram um texto de narrador, por exemplo, mas podem e devem aparecer quando ditas por um personagem, e até quando o narrador é um personagem. Parece complicado, mas não é. "A chuva que caiu ontem" deve ser riscada, assim como "quando me acordei ontem". A rigor, ninguém "se acorda". Tira o pronome. Basta escrever: "Quando acordei ontem."

Recuse sempre: "Via de regra" e "por outro lado". São inadequadas ou impróprias, além de literariamente ruins. Nem mesmo em discurso ou ensaio. Esqueça. Sem querer você estará escrevendo um texto erótico ou indecente. Preste atenção. Cuidado, sobretudo com os encontros de sons das letras. Veja: "O triunfo das palavras." Sem dúvida, um bom título, mas observe como fica: "O triunfo das palavras" – "fo das". Assim mesmo acontece com a expressão "como sempre" porque ela é ambígua e pode causar duplo sentido.Veja o diálogo: – " Como vai sua mulher?". –"Como sempre." – "Como sempre sim, eu sei, mas como ela vai?". É muito questionável, ainda, a expressão "Do fundo do coração". "Do do". Além de ficar ruim "fundo do", o som é desagradável. Fundo de quê? Não é certo que coração tem fundo. Pode provocar risadas e aí o texto perde a força. Em textos dramáticos, então, seja muito cuidadoso.

Mas o que se faz para evitar uso da conjunção "como"? Ou para que a conjunção não se tranforme

Marco Polo

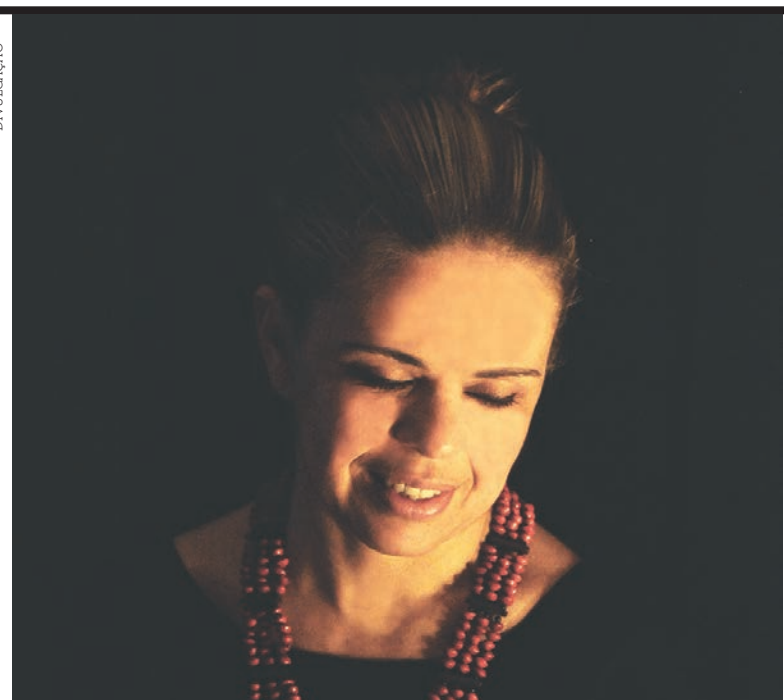
MERCADO EDITORIAL

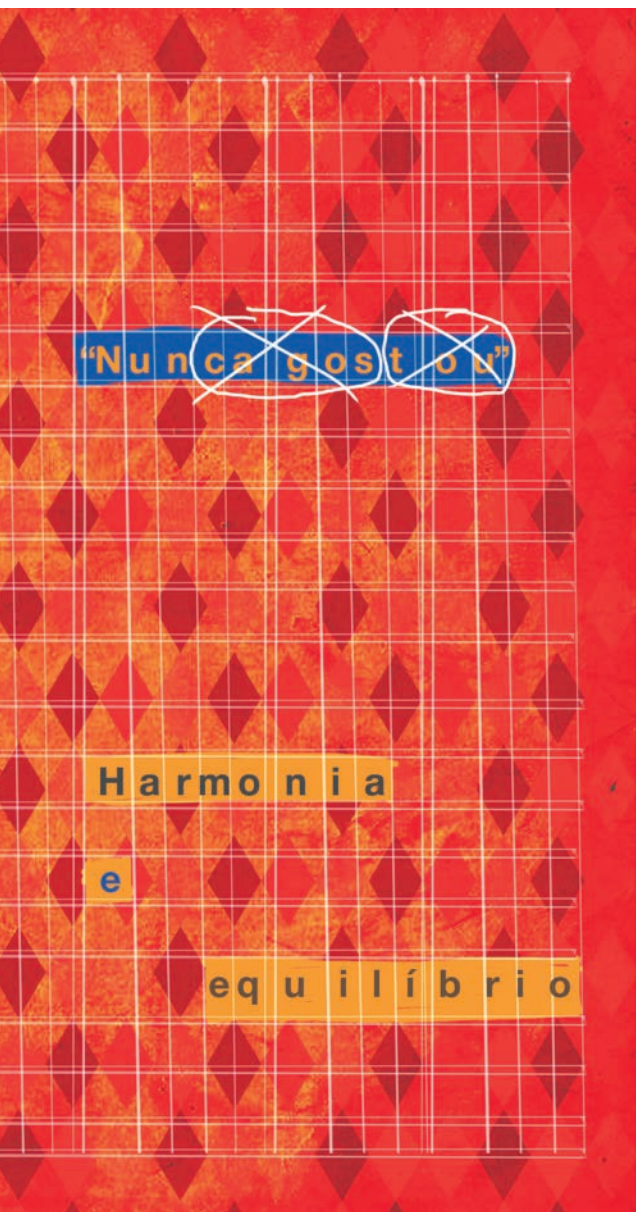
ORIGINAL

Jussara Salazar reinstaura o sagrado na vida e na arte em seu livro *Carpideiras*, lançado pela editora 7 Letras

A palavra palimpsesto designa o pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização de um novo. Já dessacralização consiste em devolver às realidades temporais sua autonomia original em relação ao poder religioso. E a dessacralização em arte surge com Duchamp, que a atrai para o fazer comum, tirando do artista a aura de ser especial. Todos estes conceitos estão em jogo quando se fala do novo livro de Jussara Salazar (foto), *Carpideiras* (mulheres contratadas para chorar e cantar nos velórios do interior nordestino), lançado pela 7 Letras. A autora pernambucana parte de matrizes pesquisadas (cantorias, incelenças, rezas), para, sobre elas e/ou a partir delas, construir seus textos, reinstaurando o sagrado na vida (ou na morte) e na arte. O resultado é estimulante e original.

DIVULGAÇÃO





em verbo? Recorre-se à metáfora, até porque o "como" é próprio da símile, que empobrece a frase ou o verso. A metáfora suprime a conjunção, não é mesmo? Está lembrado da composição de Caetano Veloso? "Uma mulher, uma tigresa" – metáfora; "Uma mulher é como uma tigresa" – símile. E fica muito mais bonito, muito mais elaborado.

Essa frase, a seguir, aparece constantemente nos jornais: "O conferencista foi aplaudido pelos presentes". Que bobagem! Os ausentes não aplaudem. Mas já encontrei esta pérola em livros: "Graciliano Ramos renunciou em pleno mandato". Claro, sem mandato é impossível renunciar. Redundâncias, pleonasmos e exageros são heranças de um resquício de barroco que sempre se arrastou na nossa linguagem, mas o escritor precisa ter cuidado. Vá com jeito, vá com jeito.

A melhor maneira de usar bem a linguagem é estudar autores referenciais, com a qualidade de Ariano Suassuna e Graciliano Ramos, dois opostos, e, por isso mesmo, é preciso estudá-los juntos. Até porque ambos escrevem sobre a mesma região e sobre cenários bem parecidos ou aproximados. Pode-se copiar numa folha em branco e com um lápis os textos de um e de outro. Isto chama-se trabalho ou esforço intelectual. O que um escritor deve fazer sempre. Com muitos escritores, com os mais próximos e os mais distantes.Tudo isso ajuda muito. Não acredite nessa história de que escrever é espontâneo. Não é mesmo. Escreva e escreva. Escolha a página de um grande autor, copie e depois tente escrever a sua própria página. Faça isso várias vezes. Muitas. Até se sentir livre dos escritores imitados. Estude todos os dias. Escreva. Copie. Imite. Até encontrar seu próprio pulso. E então esqueça tudo. Fiz muito isso no meu começo. Sobretudo no jornalismo.

Aqui entra em questão o adjetivo. Aliás, deve-se usar o adjetivo sempre que necessário. É possível usar o adjetivo em, pelo menos, três ocasiões: 1) antes do objeto, que o ilumina e o esclarece; exemplo: Vi uma bela mulher; significa que a mulher será sempre bela; 2) depois do objeto, que o torna circunstancial; exemplo: Vi uma mulher, bela, ou seja, bela apenas naquele instante; 3) ou no diálogo: – Vi uma mulher. – Bonita? – Sim, bela; e mais, tudo depende do seu equilíbrio estético, da harmonia do texto. Aliás, tudo é assim, equilíbrio e harmonia, no campo das artes. Há ainda outras expressões perigosas. Cuidado com "Nunca gostou", veja como fica horrível: "Nun ca go stou". O encontro central das palavras, cria outra palavra muito ruim.

Outra palavra a merecer o maior cuidado é o pronome "sua", extremamente ambíguo. Pode causar confusão no leitor e truncar a frase, exige muita atenção. Vejamos, por exemplo, a seguinte frase no começo de um romance: "Desde que foi levado a dormir na cama com sua mãe, Arlindo sentiu que a vida mudou completamente". O leitor toma um choque. A mãe dele foi para a cama com Arlindo? E ele nem sabia quem era Arlindo. Afinal? Tem ainda a história da mocinha que foi dançar no clube popular. Começou dançando com um tipo que suava muito, muito. Daí a meia hora ela disse: "Mas você sua, hein?" E ele respondeu, sério e compenetrado: "Eu também vou ser seu."

Sem esquecer o verbo "tinha". "Ela tinha", por exemplo, não se escreve nunca. Lendo em voz alta: "É latinha." Tudo isso merece o máximo de atenção, mesmo que pareça bobagem, detalhes. Aquilo que poderia ser – fechada a frase – uma expressão carinhosa, passa a ser algo vulgar. Em correspondências comerciais, esqueça "Acuso o recebimento" e "Aceite os meus protestos". Além disso, não use o "Já" diante de "Tinha", por exemplo.

EUROPA

Começam os salões do livro da França e da Inglaterra

No dia 16 de março, será aberto o *Salão do Livro de Paris*, que segue até o dia 19. Já o *Londres Book Fair* começa em 16 de abril e vai até o dia 18. A CBL, junto com os Minc, MRE e FBN, terá estandes brasileiros nos dois eventos, destacando o segmento do livro infantil e o intercâmbio de direitos autorais. Para participar, as editoras interessadas deverão procurar a Câmara Brasileira do Livro pelo e-mail *brazilianpublishers1@cbl.org.br*.

INFANTIL

Antonio de Campos lança *O livro dos bichos*, com poemas que não subestimam a inteligência das crianças

O poeta Antonio de Campos (não confundir com o também poeta Antonio Campos, presidente do Instituto Maximiano Campos e membro da APL) é um destes artistas reclusos que habitam o Recife e sua região metropolitana. Muito espaçadamente, sai da toca e lança um livro. Caso do recente *O livro dos bichos – Com gente, plantas e coisas da vida* (Edição do Autor) dedicado às crianças. Como o título diz, o livro tem peixe, barata e grilo, mas também tem São Jorge, Saci Pererê e Caboclo de Lança, algodão-doce, semente de fruta e boneca de pano. Enfim, um leque de temas que Campos aborda numa poesia que, embora feita primordialmente para o público infantil, pode ser lida por adultos, porque não se infantiliza nem subestima a inteligência dos pequenos. Um presente para o público pernambucano.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.

2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:

a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;

b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO
Secretaria da Casa Civil
PERNAMBUCO GOVERNO DO ESTADO

CAPA

A caminho da carne, da alma e de nós

A obra seminal de Hermilo Borba Filho desafia limites entre memória e ficção

Carolina Leão

Não existe vida social sem estereótipos. Somos reduzidos, sintetizados, estigmatizados e amaldiçoados pelas caricaturas que nos atribuem indiscriminadamente e ressaltam os elementos da personalidade com os quais nos disfarçamos, ocultamos ou nos lançamos ao convívio humano. Como poderíamos esconder o corpo marcado pela herança genética ou a modificação social e os caminhos seguidos, muitas vezes sem rumo, outras tantas intencionalmente? A vida escolhida fala, mesmo quando silencia. Hermilo Borba Filho foi um dos alvos dessa estereotipia. O rótulo de escritor maldito ressoa até hoje quando se fala no pernambucano de Palmares, cuja fortuna crítica está sempre associada à do anárquico Henry Miller e a Lawrence Durrel e seu *O quarteto de Alexandria* – inspiração original da tetralogia de Hermilo, lançada timidamente pela Editora Bagaço, no final do ano passado.

Comparações são inevitáveis. Na literatura também. Mas, como índices, elas apenas apontam. Como placas no caminho, elas sempre mostram para onde se deve ir, não como chegar lá. Racionais, impedem que nos percamos no trajeto quando precisamos economizar tempo e dinheiro; não nos garantem, porém, se chegaremos no referencial desejado. É natural que muitos leitores tenham encontrado Hermilo pela associação ao libertino e libertário Miller – Hermilo fez do sexo, como Nelson Rodrigues ou Marquês de Sade, matéria-prima criativa. A tetralogia *Um cavaleiro da segunda decadência* mostra, no entanto, fôlego suficiente para Hermilo ser referência absoluta de sua própria literatura e obra intelectual. E muito mais.

Pontuada por suas referências modernistas, Lorca principalmente, e de sua própria história pessoal, marcando a linguagem intertextual com digressões sensuais, filosóficas e surreais, *Um cavaleiro da segunda decadência* é composta de uma narrativa memorialística que revela mais do que detalhes da vida pessoal do escritor. Ela cobre um período que compreende o seu nascimento no interior do estado (*Margem das lembranças*), sua chegada ao Recife (*A porteira do mundo*), o exílio político e cultural em São Paulo (*O cavalo da noite*) e a volta para a capital pernambucana (*Deus no pasto*).

Isso quer dizer a memória de três décadas, nas quais o homem Hermilo se transforma no artista e intelectual. Isso quer dizer a memória passada e passada

JÂRBAS DOMINGOS

a limpo, ruminada, racionalizada e estetizada pelo homem Hermilo, pelo artista Hermilo e pelo intelectual Hermilo em diversos momentos de sua trajetória artística e política. Escrita durante os anos 1950 e 1960, e publicada no final dos 1960 e começo dos 1970, a tetralogia é um *tour de force* das reminiscências. Não há arrependimento, entretanto. Ele não se desculpa. Mostra, afinal, o que o fez ser Hermilo Borba Filho e não outro artista qualquer. O livro é, nesse sentido, quase um *work in progress* do seu pensamento intelectual.

Não significa muita coisa dizer que é uma obra ficcional baseada em fatos reais porque todas na verdade a são. Mas dizemos. Dizemos também que a partir dela, o escritor nos entrega, talvez até inconscientemente, a chave para a compreensão da vivência, da experiência intelectual e criativa, a partir de sua própria linguagem; modificada e aparentemente escrita em momentos diferentes, de acordo com humores e sensibilidades diferentes. A chave abre também uma história fascinante da vida doméstica, cotidiana, da história social do Recife, do menino de engenho, com todas as taras, manias, desejos e repressões da vida social de Pernambuco. Um arquivo vivo para etnólogos e historiadores sociais.

Não basta a verdade. Os fatos, as datas oficiais. Que os encontrem os cientistas sociais. Importa como a história vem a ser contada, independente da verdade. Mas é inegável a presença pulsante de uma memória que nos faz acompanhá-lo pela sua trajetória. Hermilo recria não somente diálogos e situações, que vá lá podem ser fictícias, ele recria a ambiência, a atmosfera social. Através destas, chegamos ao contexto responsável por criar o criador Hermilo.

Comecemos pela *Margem das lembranças*. "Estou na balança. Todos os meus atos estão na balança", abre o primeiro parágrafo do livro. As páginas que seguem têm o leitor como confidente, ou algoz. A sensação é: a memória precisa ser colocada no papel, ou seja, racionalizada, elaborada, analisada e, assim, entendida. Diz a psicanálise que a diferença entre dois sentimentos irmãos, a vergonha e a culpa, é que a primeira silencia; enquanto a última necessita da fala, existe por ela.

Não é necessariamente uma culpa no sentido judaico-cristão, de pesar e arrependimento – muito embora o último capítulo, *Deus no pasto*, apresente o período em que ele se converte ao cristianismo e possa ser visto como tal. Mas de coerência e responsabilidade com sua própria história pessoal. Tendo passado por uma vida de luxúria e excessos, Hermilo volta ao passado para fazer as pazes com os vários fragmentos do Hermilo ficados para trás, caídos no esquecimento, mas formadores de seu mundo de ideias.

"De olhos fechados mastigo tudo o que passou", diz. "Aqui de pés plantados na terra vomitando palavras. Lembro de tudo: do cheiro, das cores, das palavras, de todos os atos. Embora saiba que nunca alcançarei o futuro, continuarei escrevendo até secar os dedos. O que importa é lembrar e pedir perdão para não ser julgado. Esta é uma tábua de lembranças", continua. As lembranças não são nostálgicas. São quase relatos jornalísticos do fato ocorrido, misturados a linguagem descontínua, que ora nos aproxima com um *zoom* de sua vida cotidiana, ora nos faz acompanhantes desse julgamento analítico.

De certa forma, *Margem das lembranças* me remete ao processo de composição de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. O mundo da criança e do jovem Hermilo gira em torno do açúcar. A vida no engenho, o contato com o mundo rural, ansioso de ser citadino nos centros comerciais afastados dos solos de massapés onde se fincaram os senhores de engenho. A própria família do escritor vinha de ascendência fidalga. Como grande parte dos senhores do açúcar, caiu na decadência com o surgimento do capitalismo. Tal qual Freyre, Hermilo se vale do registro cotidiano e da vida doméstica da cidade pequena.

De certa forma, ambos se aproximam num certo, pela falta de um termo mais apropriado, "inconsciente coletivo" de classe. Muito bem analisado por Renato Ortiz, o contexto em que Gilberto Freyre surge revela uma aristocracia empenhada, também pelos intelectuais que a representaram, em demarcar o sentimento de pertencer à aristocracia e legitimar o papel do patriarcalismo na economia pernambucana. Ambos, Freyre e Hermilo, se valem do registro oral, das memórias pessoais que não fogem da reprodução classista. Enquanto Freyre, porém, busca-se inserir na história social como pensador e um pensador desta classe, Hermilo rompe com a vida social herdada se afastando da família opressora e nesse processo cria sua autonomia como artista. Esta longe de representar um conteúdo legitimador da aristocracia mas é importante lembrar que ele fala a partir dela.

Essa antítese entre universos contraditórios, cidade e campo, por exemplo, será mais evidenciada no segundo capítulo, *A porteira do mundo*, quando Hermilo chega a um Recife cindido entre a velha tradição escravocrata e a sua modernização. Em *Margem das lembranças* impera a descoberta do mundo, sob a perspectiva da família, da vida doméstica, da cidadezinha que tem seu pequeno teatro, seu cineminha, mas se encontra profundamente arraigada ao seu provincianismo.

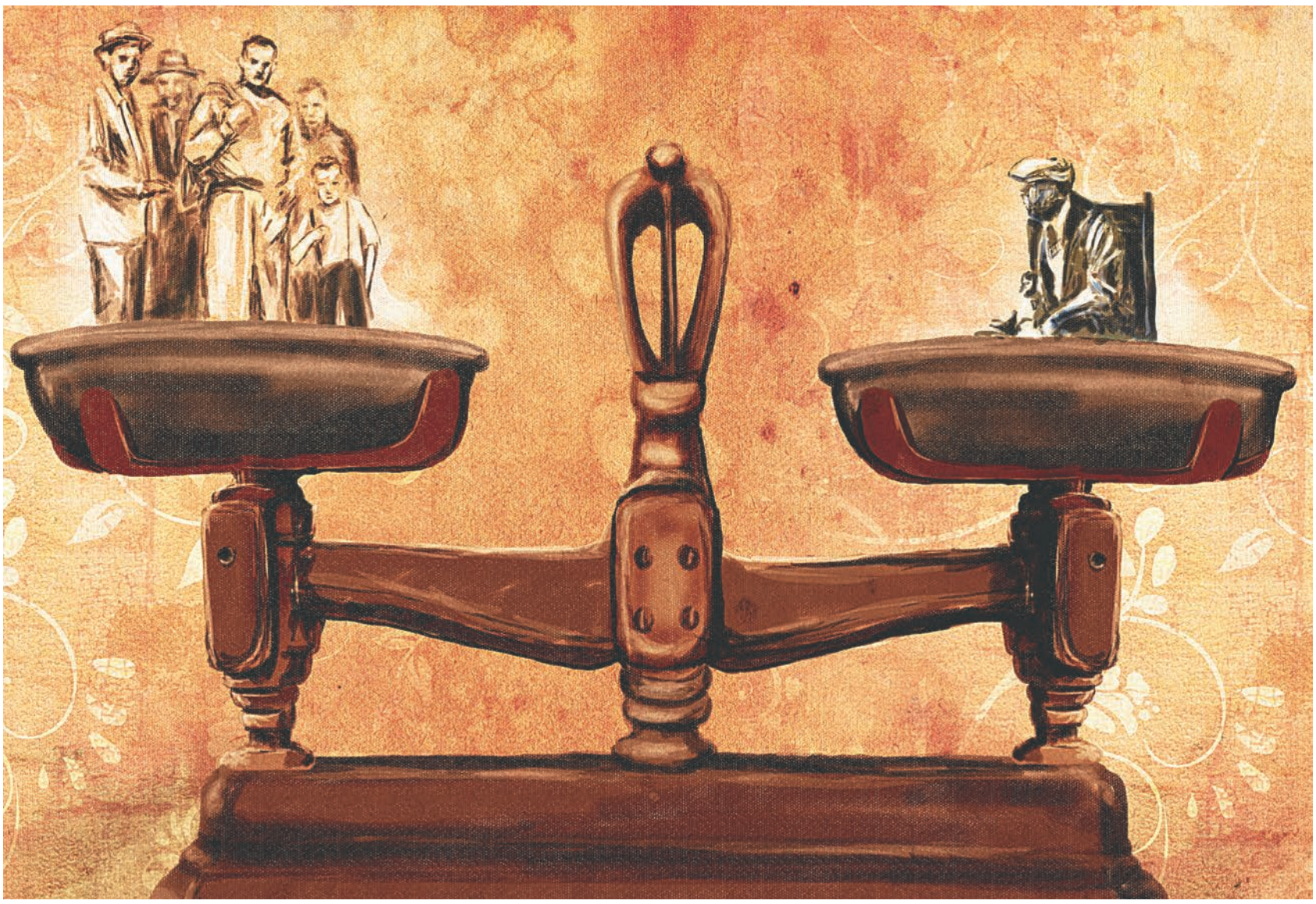
Este capítulo é essencial para entender as referências seminais do escritor bem como o papel do sexo em sua vida. Volto para Henry Miller. De fato, há proximidades estéticas com a mais vasta linhagem de libertinos que utilizaram o sexo como conteúdo estético em momentos políticos desoladores, como Sade, no aburguesamento francês, ou Miller, no entre-guerras. O sexo surge como a pulsão erótica que desafia o tânatos, representando não apenas nossa fuga da morte, mas, nestes contextos, como provocação, anarquia contra a nova ordem política – sempre prevalecendo uma certa melancolia, de classe ou geração, nestes relatos eróticos.

Leda Alves, que foi casada com o escritor, destaca a sexualidade presente nas memórias de Hermilo como a sua imersão e simbiose no mundo rural. "Uma realidade diferente de quem cresceu na cidade. Na vida rural, o sexo era com as árvores, os bichos. Não tinha nada demais, para eles. Para Hermilo, era tudo muito natural.", coloca. Passagens confessionais, polêmicas, mostram o incesto familiar, os filhos bastardos entre senhores de engenhos e escravas, que acabavam sendo criados nas casas grandes, onde a família compactuava do fato com o silêncio.

E não escapava a paixão entre irmãos, que mal imaginavam o parentesco tão próximo. Tios se masturbavam à frente dos sobrinhos imberbes, e estes tentavam repetir o êxito com os amigos de escola em tardes perdidas no meio do mato. Os meninos espiavam as mulheres, incluindo mãe e irmãs, pelas mais variadas perspectivas: fechaduras do quarto, as cruzadas de pernas ou subidas nas árvores, confidentes eróticas.

CAPA

JARBAS DOMINGOS



Num dos trechos, Hermilo esboça as reuniões quase hemoeróticas, espontâneas, que os garotos tinham por curiosidade do corpo ou força do tédio. "À tarde, os irmãos se reuniam com Zuzu, um pobre louco de cabeça raspada, bigode muito preto, ouvindo suas histórias. Zuzu sentava-se, desabotoava a braguilha e exibia o membro enorme, largo como meu antebraço e, enquanto se masturbava como se nada estivesse fazendo, falava: – Quando eu era cavalo, em tempo de carnaval, meu dono me botava uma rosa na orelha e eu saía esquipando..." E continua: "No meio de uma das histórias ejaculava mansamente, sem contrações, o esperma, num guincho, alcançava a parede mais próxima, correndo tristemente até encontrar a terra. Todos batiam palma e Zuzu sorria".

A essa história, seguem outras histórias engraçadíssimas, hilárias, contadas quase como anedotas, caricaturas. Hermilo é dono de um universalismo único, capaz também de expressar pela escrita os preconceitos da fala matuta e do pensamento suburbano, provinciano.

E outras histórias cabeludas, espantosas. Para Leda, a tetralogia chocou a família e a sociedade pernambucana na época de sua publicação, na década de 1960. "Ele era um escritor incompreendido. Até hoje seria", define. Chocou por conta de sua própria ligação com as camadas mais altas da sociedade, já que aqui estudou na tradicional Faculdade de Direito e adentrou na política cultural, como médio e alto escalão.

Hermilo chega ao Recife num verdadeiro choque cultural. A década de 1930 foi marcada pelo estabelecimento dos escravos libertos no trabalho assalariado. Trabalhos braçais, diga-se, de força física e resistência, mas que os colocaram definitivamente na vida social. A pequeno burguesia da capital fazia seu esforço para se diferenciar socialmente. Apesar da modernização urbana, indicada por um incipiente saneamento básico, por exemplo, a cidade vivia sua miséria cotidiana. Os mocambos circundavam as zonas de manguezais e os pobres e negros se acotovelavam em busca de um trabalho no centro da cidade, com seus mercados, seu porto, sua intensa vida diária.

"Nas nesgas de terra, nas pequenas ilhas que as águas houveram por bem deixar aos homens vinham, do centro para a periferia, os seres humanos: meninos de barriga grande e mãos sujas, mulheres feias, negros e mulatos musculosos, adolescentes arrogantes hábeis no manejo das peixeiras, desembocando nas ruas coloridas e oriental como gritos, música, dança, lenços de seda, bibelôs, louças, frutas, sobretudo as frutas, que davam o cheiro melado e os gostos afrodisíacos, toda a multidão invadindo o mercado, indiferente ao odor dos barrigas abertas e aos pretos camarões recurvos", descreve.

A burguesia se estabelecia como classe nos bairros do centro, enquanto a vida aristocrática ainda compactuava da atmosfera de arrabaldes, das freguesias tradicionais e outrora ocupadas por engenhos, como Madalena e Apipucos. Enquanto a sociedade pernambucana frequentava o Jockey Club e o Club de Tennis de Boa Viagem, o centro da cidade se transformava na famosa zona boêmia, onde, recorda Leda, moça direita não passava na ponte de Boa Vista, após as 17h. Ficava mal falada. Pudera. O Bairro do Recife era o famoso antro de perdição, no qual Hermilo passou bons e maus momentos e relata minuciosamente, sob persona fictícia ou não, em *A porteira do mundo*.

Apesar de engatinhar numa nova mentalidade social, mais voltada à vida coletiva, da rua, o recifense era, sobretudo, um provinciano e guardava o trancar-se na casa, no sobrado, no seio da família, como proteção que até hoje indica o medo, o pavor de se misturar, de ser mais um entre tantos outros, de ser comum. Por isso, a noite, o final do expediente, significava a divisão entre dois universos. A opressão doméstica ou cultural era substituída pela intensa movimentação erótica. Mas só para os homens.

"E defronte era o cais, os compridos armazéns, a poeira do açúcar e da farinha de trigo, coladas aos tornos nus de touros transformados em homens, os bigodes eriçados na ânsia de devorarem carne, deixando que os corpos se estremecessem nos barcos escandinavos, orientais, ladinos, adornados de bandeiras esquisitas, imóveis, cansados de travessias, somente à espera da noite para se transformarem em massas misteriosas, atraentes, despejando o sêmen dos marinheiros, que passeavam nos bares, nos cafés, nos botequins, nos cabarés, nos quartos transitórios, debaixo dos oitizeiros ou nas escadas dos sobrados de dois, três andares, antigas residências coloniais dos donos do açúcar". Como diz o velho bordão: cidade pequena, inferno grande.

E continua: "toda esta multidão na morte, no comer, no copular, no dormir, no andar, contra a outra dos bairros importantes onde a água era filtrada, gelada ou esquentada, andando nas primeiras dos bondes ou nos automóveis para as festas, os cinemas, os jogos, os piqueniques, os comes e bebes".

Os anos no Recife são miseráveis também para o herói dessa odisseia autobiográfica. Falta trabalho, alimento. Não faltam cigarros, bebidas e mulheres. E histórias de tardes em pensões, de masturbações e orgias grupais. Xangôs, terreiros, sambas. Mas o Recife, apesar de parecer a Sodoma e Gomorra, também se destaca pela sua agenda cultural. Hermilo entra em contato com o teatro, a política e continua a sua jornada, revelando psiques, crônicas diárias, sob nomes fictícios, facilmente reconhecidos pelos críticos mais atentos.

A porteira do mundo, representação simbólica da vagina, úmida e quente como o claustro das pensões e do engenho, é exatamente a porta de entrada para o escritor se estabelecer no cenário estético pernambucano, um universo possível por essa intensa relação com a cidade. Uma cidade que Hermilo passa a reconhecer como sua nos dois últimos capítulos da tetralogia. *O cavalo da noite* narra o exílio cultural e político do artista, um *gauche* na vida política e artística. Hermilo cita o *Eclesiastes*: "E não recusei aos melhores olhos coisas algumas de tudo o que eles desejaram, nem proibi ao meu coração que gozasse de todo o prazer". No entanto, sua narrativa erótica vai aos poucos sendo tomada pela dialética de sua consciência política e intelectual, assim como pela necessidade do amor a uma única mulher: primeiro Débora, depois Leda.

Em *Deus no pasto*, retoma as reminiscências mais íntimas dos dois primeiros capítulos e abre esta última jornada com o seu jogo conceitual, citando o novelista Hotchner: "Disse-me, ainda, que para ele havia somente uma maneira de explicar as coisas: contar toda a verdade a respeito delas, sem ocultar nada; contar ao leitor como a coisa realmente aconteceu. O êxtase e a tristeza, o remorso e como estava o tempo e, com um pouco de sorte, o leitor encontrará o seu caminho até o âmago da própria coisa".

Um cavaleiro da segunda decadência é uma obra única, um relato da história das ideias e da proximidade entre os campos político e cultural. A edição da Bagaço, no entanto, não cumpre a universalidade de Hermilo, restrito novamente a Pernambuco. Também merecia uma edição mais cuidadosa, posto que temos pesquisadores debruçados sobre a obra de Hermilo, um autor que vem sendo, ainda, timidamente conhecido pelas novas gerações de leitores.

Carolina Leão é doutora em Sociologia.

O fôlego para erguer um mundo próprio

Os detalhes da obra ficcional que Hermilo Borba Filho criou a partir da sua vida

Raimundo Carrero

JARBAS DOMINGOS

A técnica confessional da tetralogia *Um cavaleiro da segunda decadência*, de Hermilo Borba Filho, é muito bem realizada, erguida a partir de depoimentos escritos com absoluta qualidade e sem excessos – apesar da presença do sexo em quase todas as páginas. Mestre na arte de escrever, Hermilo Borba Filho estabeleceu um projeto literário humano, político e cultural, em que trabalhou quatro décadas, variando de pontos de vista, embora com um olhar político encravado em Pernambuco e nos seus personagens. Não abriu mão da crítica áspera, da ironia e, não raras vezes, da contundência para realizar a sua obra intelectual mais importante. Tinha o fôlego de quem conhece os caminhos ásperos que é preciso percorrer num projeto ficcional.

Marcado pela literatura de língua inglesa, sobretudo a norte-americana, a partir de nomes como Henry Miller e Eugene O'Neill, procurou no primeiro a sua melhor companhia para atravessar o caminho da obra e com ele travou um longo e belo diálogo. Hermilo foi buscar em Lawrence Durrel, autor de *O quarteto de Alexandria*, a frase que daria título à sua tetralogia. Em O'Neill encontrou inspiração para o título do primeiro dos quatro romances: *Margem das lembranças*. O'Neill é autor de um peça teatral admirável chamada *À margem da vida*. Mesmo assim, Hermilo foi sempre independente, dono dos seus próprios caminhos. Nenhuma imitação, nenhum plágio. Todo escritor, naturalmente, tem os seus padrinhos ou companheiros de viagem, desde Virgílio e Dante. Ariano Suassuna sempre teve confessa admiração por Cervantes e por Dante, além dos românticos alemães e pelos mestres da prosa russa do século 19.

Hermilo começa *Margem das lembranças*, a primeira das mil páginas que compõem a tetralogia, colocando-se numa balança e diz que, no final, espera ser julgado pelos homens e por Deus por tudo que está escrito, verdadeiramente, mesmo quando recorre a uma invenção para melhorar a narrativa ou para diminuir os seus pecados. Tudo isso numa linguagem aberta, com mais verdades do que metáforas, frases de quatro ou cinco linhas, ou todo um parágrafo, sangrando, sem se esconder, desde os episódios da adolescência envolvendo a diretora da escola em Palmares até a prisão, no Recife, nas páginas de *Deus no pasto*, durante os anos de chumbo do Golpe Militar. Há frases que podem ocupar um capítulo inteiro, com alternâncias de tempo e de espaço. Um estilo literário extremamente denso e rápido, às vezes mudando de episódio na mesma frase ou no mesmo parágrafo. Assim realiza aquilo que podemos chamar de episódios sobrepostos – ou seja, vários episódios ao mesmo tempo numa narrativa vertiginosa e muito bem cuidada.

Outra técnica que HBF adotou desde o primeiro momento foi a de usar uma epígrafe em cada capítulo, logo abaixo da numeração. O segundo volume chama-se *A porteira do mundo*, e encontra Hermilo no Recife até a viagem a São Paulo, para onde se deslocou movido pelas perseguições políticas, local do terceiro livro, *O cavalo da noite*. Aí passa a dirigir grandes grupos nacionais de teatro e tem uma vida noturna mais sôfrega. Segue-se *Deus no pasto*, mas sem alterações estilísticas. Mantém-se fiel ao leitor, à obra e a ele mesmo desde o princípio. Sem concessões e sem recuos. Aí ele introduz uma nova técnica: insere no texto geral trechos do diário de Túlio Carelli. As últimas páginas deste romance são páginas de mestre, em que o autor olha pela janela do presídio para admirar a chuva fina e a campina lá fora. Questiona a presença de Deus, pergunta pela intervenção divina naquele momento doloroso, naquele instante em que o homem é colocado diante de sua própria dor, diante do seu abismo. Mas o Hermilo religioso também está ali, o convertido que clama pela presença do Senhor, que espera sobretudo pela iluminação.

*Veja trechos da Tetralogia de Hermilo Borba Filho no: www.suplementopernambuco.com.br

COMPORTAMENTO

Debaixo dos pelos do bigode de Nietzsche

Filósofo alemão, mesmo contrariando seu desejo, tem "crentes" e seguidores

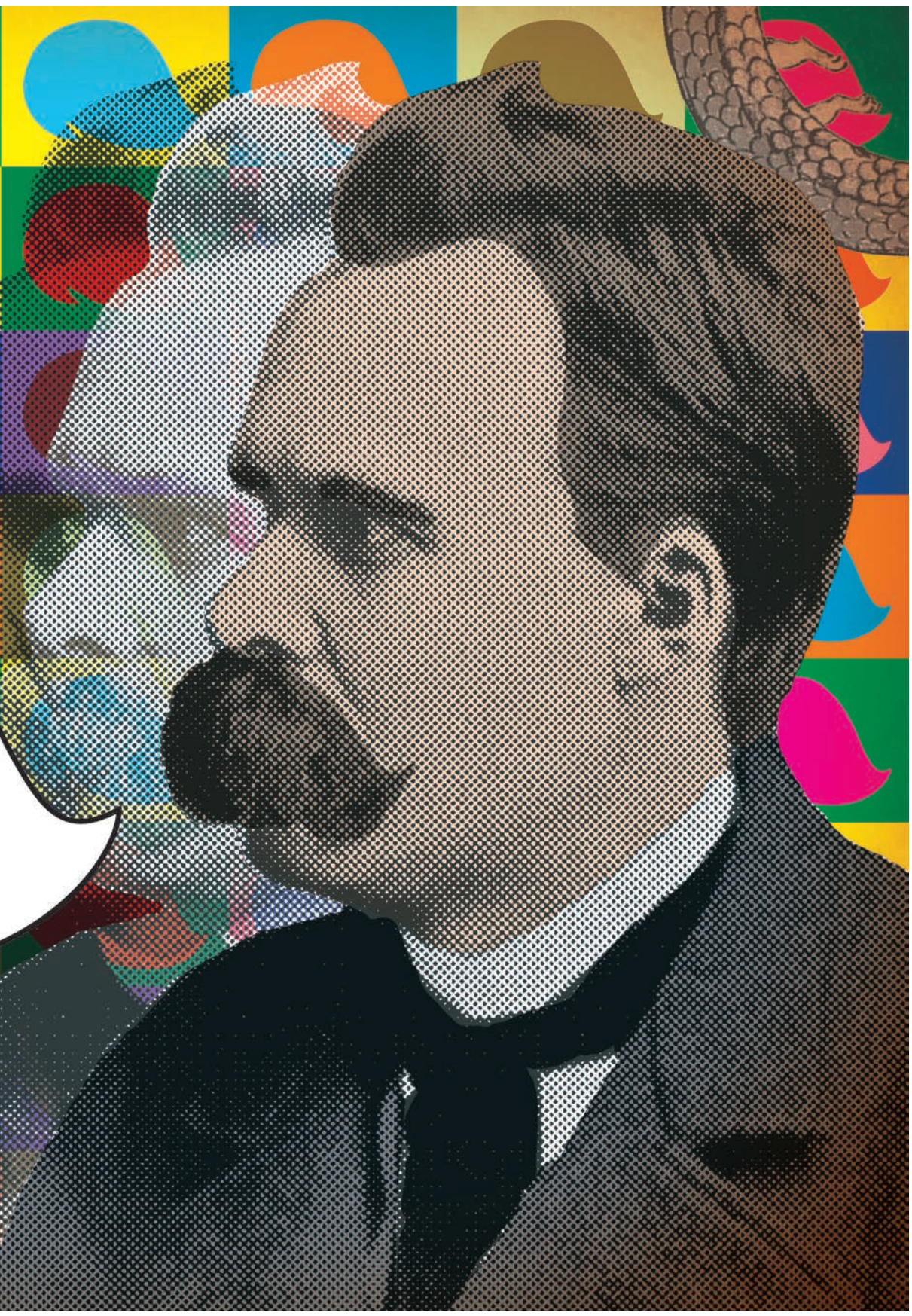
Ingrid Melo

"Não quero 'crentes'; acredito que sou demasiado mau para crer em mim mesmo; eu nunca falo às massas... Tenho grande medo de ser, algum dia, santificado". A frase é do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), que só não deve estar se revirando no túmulo, porque ele também não acreditava nisso. Ela foi publicada no livro *Ecce homo* (1888), um poético elogio ao ego que o pensador escreveu com o intuito de não ser confundido ou mal compreendido, pouco antes de perder a lucidez. Nietzsche não suportava a idolatria, tendo dedicado seu penúltimo livro, *Crepúsculo dos ídolos* (1888), a desmistificar a moral cristã, as tendências modernas e a própria filosofia. Ironicamente, ele é hoje ídolo de uma geração de jovens que, em boa parte, subverte seus escritos pinçando máximas de seu contexto para estampar páginas de redes sociais, pranchas de surf ou camisetas – entre as prediletas, "Sem música a vida seria um erro", "O que não me mata, me fortalece" e "Eu só poderia acreditar em um Deus que soubesse dançar". Há, porém, quem se aprofunde deveras na obra do filósofo, a ponto de acreditar piamente em suas teorias e tê-lo como uma espécie de guru ou companheiro. Alguns até o chamam carinhosamente de "Bigode", devido aos seus avantajados e característicos pelos faciais.

A frase sobre o Deus dançante foi o que impulsionou a estudante de sociologia Angelica Albuquerque, de 23 anos, a se dedicar aos escritos do pensador. Embora já tivesse ouvido falar de Nietzsche, ela nutria a ideia de que o alemão era pessimista e depressivo. "Eu tinha curiosidade sobre ele, mas só conhecia citações como 'Cada pessoa tem que escolher quanta verdade consegue suportar' ou 'O evangelho morreu na cruz'. Sou naturalmente melancólica e achava que se lesse qualquer coisa de Nietzsche iria surtar ou até tentar suicídio, então nem cogitava", se diverte. Quando se deparou com a frase hedonista em uma propaganda da Tangolomango, uma festa mensal de música brasileira criada em 2008, no Recife, percebeu que o alemão poderia ser positivo. "Um homem que queria que Deus dançasse não poderia me deixar infeliz. O primeiro livro que comprei foi *A gaia ciência* (1882) porque me disseram ser 'alegre e florido'. Nele, me deparei com teorias como o Eterno Retorno e conheci um Nietzsche dionisíaco que me encantou profundamente", lembra ela, que já leu quase todos os livros do pensador e tem tatuado um oroboro – em referência à eterna repetição que Nietzsche pregou pela primeira vez em *A gaia ciência* e tornou-se famosa pelo célebre *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), que ganha agora nova ediçaõ pela Cia. das Letras com tradução de Paulo César de Souza.

Angelica conta que não duvida que os fatos se repetem infinitas vezes. "Basta a gente pensar em guerras e epidemias, em como elas aconteceram uma vez e mais outra e mais outra. Um dia estamos alegres, outros tristes, depois alegres de novo. Tudo vai e tudo retorna. Até na moda é assim", argumenta. O Eterno

JANIO SANTOS



Retorno é uma das teorias mais complexas de Friedrich Nietzsche e pressupõe que polos se alternam na vivência, numa eterna repetição que os torna faces de uma mesma realidade (saúde e doença, bem e mal, criação e destruição). Essa teoria não diz respeito a um tempo cíclico, mas a uma realidade que não tem um objetivo a cumprir. "Parece assustador (a ideia do Eterno Retorno) porque nós temos essa mania de novidade e de querer buscar uma razão em tudo. Mas, na verdade, me confortou bastante cessar essa procura. O foco tem que ser a vida e não o que está além dela. Nós temos que pensar em tudo que já vivenciamos e dizer: 'passaria por isso de novo'. Temos que saber se viraríamos ou não a ampulheta", afirma.

O estudante de filosofia Ítalo Lins, de 21 anos de idade, concorda. Fã de Nietzsche desde os 13, quando estava em crise com a educação católica que recebera, e se deparou ocasionalmente com um exemplar de *O anticristo* (1895) na estante do irmão, ele afirma que a teoria é uma maneira de fazê-lo aproveitar de maneira mais forte o tempo que foi destinado à vida, que, por sua vez, é única. "Eu penso no Eterno Retorno com frequência. Se eu fosse um spinozista seria uma espécie de *carpe diem*, mas vejo por um lado que não se restringe ao dia vivido. A ideia é se superar, mesmo nas situações adversas. Meu dia hoje pode ter sido ruim, mas o que eu posso fazer para que isso me engrandeça? De que maneira posso aumentar minha potência? É uma espécie de exercício", explica. Com essa afirmação, Lins introduz dois outros conceitos de Friedrich Nietzsche: a Vontade de Poder e o Super-Homem, pontos de partida de *Assim falou Zaratustra* e abordados pelo pensador desde seus escritos de 1881. Tais noções, ampla e deturpadamente utilizadas pelos nazistas ao aplicarem seu ideal de superioridade da raça ariana, geraram um repúdio à obra de Nietzsche durante várias décadas. Esse super-homem nietzschiano, porém, não é um ser cujo desejo é dominar.

A Vontade de Potência, em Nietzsche, significa "criar", "dar", "avaliar" e "evoluir". Trata de uma impulsão inventiva do homem e do universo. Uma provocação, na melhor maneira nietzschiana, como a que fez com que Ítalo largasse a faculdade de Direito para cursar a de Filosofia. "Nietzsche me incitou de uma maneira que seria ingenuidade da minha parte ignorá-lo. Ele é um divisor de águas para mim. Não se pode pensar a existência de outra forma, depois de se entrar em contato com ele. Suas ideias me fizeram aprimorar meu discurso sobre religião, estética e sensações. Mas, acima de tudo, aprendi com ele a estar a par da vida", afiança. Segundo Ítalo, o filósofo é para ele como um amigo, pois ambos dividem problemas, situações similares e uma mesma linguagem. "Com ele eu vejo um mundo muito mais colorido, muito mais vivo, com inúmeras possibilidades a serem experienciadas. Mas não há algo confortante nisso. Talvez recair num dogma seja muito melhor, já que tudo está garantido. Em Nietzsche nada está garantido, e talvez isso seja a graça da vida: saber que conceitos não suficientes para interpretar o mundo, que a vida é uma contingência necessária, enfim", conclui.

Iniciante no estudo da filosofia de Nietzsche, a estudante de Direito Gabrielle Duarte, de 22 anos, também vê por meio do pensador um mundo belo em suas incertezas. Ela se interessou de fato pelo filósofo, a quem chama de "Bigode", depois que leu, há cerca de dois anos, o livro *Quando Nietzsche chorou*, escrito pelo psicoterapeuta Irvin D. Yalom, em 1995 (a obra é uma das responsáveis por resgatar o alemão). Então, começou a reparar em dezenas de referências a Nietzsche em filmes e músicas e também percebeu a quantidade de edições de bolso de livros do escritor. "Eu assisti ao longa *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (Michel Gondry, 2004) e me deparei com a frase: 'Abençoados os que esquecem, porque aproveitam até mesmo seus equívocos', creditada a Nietzsche. Depois, me toquei que na música *Índios*, de Legião Urbana, Renato Russo afirma 'esse mesmo Deus foi morto por vocês'. Deus está morto: é Nietzsche. Um dia, estava no supermercado e lá estavam quase todos os livros de Nietzsche numa prateleira. Pensei: 'esse bigodudo deve ter algo especial!'. Comprei uma edição de *Humano, demasiado humano* (1878) e vi o quanto ele é lindo", conta.

De fato, não é raro encontrar referências a Friedrich Nietzsche no mundo pop. Em filmes como *Gênio indomável* (Gus Van Sant, 1997), *A casa do lago* (Alejandro Agresti, 2006) e *A pequena Miss Sunshine* (Jonathan Dayton, Valerie Faris, 2006) ele está presente. O último, aliás, faz uma sátira justamente aos jovens admiradores de Nietzsche. No enredo, o personagem Dwayne (Paul Dano, em excelente atuação), de 15 anos, tem uma caricatura do filósofo na parede do seu quarto; faz voto de silêncio; usa uma camisa onde se lê "Jesus was wrong" (Jesus estava errado); e aparece na grande maioria das cenas com *Assim falou Zaratustra* em mãos. Na música, por sua vez, é possível notar a influência do filósofo em nomes como Marilyn Manson, Pet Shop Boys, David Bowie, Kanye West e até mesmo no funk carioca, em que o Dj Mendigo e as Intelectuazudas cantam um refrão que repete incessantemente "O Eterno Retorno, o Eterno Retorno, o Eterno Retorno, Nietzsche já dizia".

O pop está repleto de referências ao filósofo. Do funk carioca, passando por David Bowie, Kanye West e Pet Shop Boys

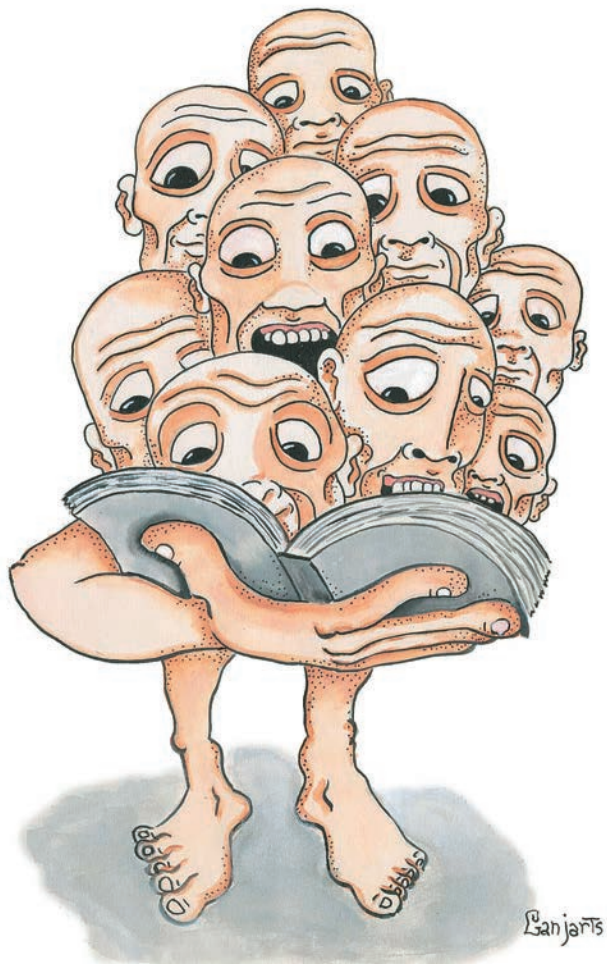
"Quando me viu com *O anticristo* em casa, minha mãe se espantou e perguntou se eu tinha me tornado ateia. Meu pai riu e disse que eu estava ficando intelectualizada. No ônibus, outro dia, um senhor ficou me olhando admirado. Se ele conhecia o 'Bigode', provavelmente estava pensando que eu era 'mais uma dessas que vem deturpar o que ele escreveu'. Se não, devia me achar uma anarquista, niilista ou algo do gênero. Há essa espécie de ambiguidade em relação a obra de Nietzsche e eu compreendo. É interessante, porém, que ao mesmo tempo que essas abordagens raras podem comprometer o que ele escreve, elas podem fazer com que pessoas se interessem por ele", teoriza Gabrielle. Paradoxos sempre foram marcantes na obra de Friedrich Nietzsche. Ele costumava, por exemplo, colocar lado a lado palavras totalmente antagônicas ("Nascer póstumo"; "Deus morreu", "delicadamente mal-educado"). Contudo, provavelmente nenhum é maior do que essa popularização e consequente aprofundamento de suas ideias. O homem dinamite explodiu e, pasmem, beira à santificação.

MEMÓRIA

Morrer só o estritamente necessário

Uma homenagem à Prêmio Nobel Wisława Szymborska, falecida no mês passado

Ricardo Domeneck



Foi em um mesmo mês, em 1996, que travei contato com o trabalho de dois artistas poloneses que viriam a se tornar tão importantes para meu pensamento poético, ensinando-me cedo a intuir a conjunção entre estética e ética, antes mesmo de descobrir tal proposição explícita nos trabalhos de um pensador como Ludwig Wittgenstein. Foi em novembro daquele ano, creio que apenas com uma semana separando os dois acontecimentos, que a TV Cultura exibira o filme *Krótki film o miłości*, (1988), conhecido no Brasil como *Não amarás*, de Krzysztof Kieślowski; e um documentário sobre a poeta Wisława Szymborska (1923 – 2012), que acabava de ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, transformando-a, da noite para o dia, de discreta poeta do Leste Europeu, com uma obra bastante concisa, em celebridade literária mundial. Eu tinha 19 anos. Os filmes de Kieślowski passariam a ser refeição espiritual frequente dali por diante, mas a poesia de Szymborska, que me fascinara tanto naquele documentário a mostrar uma mulher elegante e sardônica, fumante inveterada, com vocalizações discretas mas firmes de seus poemas, e num momento em que ainda não se podia usar a Internet com a mesma facilidade de hoje, permaneceria escondida e inacessível até o ano 2001, quando a revista carioca *Inimigo Rumor* publicaria uma tradução coletiva de seu poema *Autotomia*, trazendo-a de volta à minha mente e iniciando minha busca por traduções de seus poemas em quaisquer línguas em que estivessem disponíveis. Até hoje, *Autotomia* segue sendo um dos meus poemas favoritos, e tão claro em suas características marcantes dentro da poética de Szymborska: "Diante do perigo, a holotúria se divide em duas: / deixando uma sua metade ser devorada pelo mundo, / salvando-se com a outra metade. // Ela se bifurca subitamente em naufrágio e salvação, / em resgate e promessa, no que foi e no que será (...)", chegando àqueles iluminados versos "Morrer apenas o estritamente necessário, sem ultrapassar a medida. / Renascer o tanto preciso a partir do resto que se preservou", mas encerrando o poema com aquele ceticismo que tem sido associado à poeta, mencionado com frequência nos elogios e orações funerárias publicadas depois de sua morte, em fevereiro, um ceticismo porém estranhíssimo, que parece conseguir conjugar esperança e desespero numa mesma asserção: "O abismo nos cerca."

Em seu artigo publicado no jornal *Il Foglio Quotidiano* (ano XVII, n. 29, pag. 2), na sexta-feira posterior à morte da autora, o crítico italiano Alfonso Berardinelli fala em "ceticismo produtivo", citando a própria poeta, em sua declaração de que "O poeta moderno é cético e desconfiado", segundo ela, "também – e talvez, sobretudo – nos confrontos consigo mesmo". Mas se este ceticismo e desconfiança em relação ao poeta e à poesia no mundo contemporâneo levavam-na a uma textualidade de hesitações diante do que anteriormente, entre os poetas românticos, por exemplo, seria visto como a busca de verdades ou o que

DIVULGAÇÃO

mais se aproximasse destas, Wisława Szymborska nunca temeu buscar no mundo e suas ocorrências e catástrofes uma espécie de parâmetro ou balança moral e ética que, ao mesmo tempo, parece ligá-la justamente àqueles poetas românticos que viam na natureza uma manifestação do divino. Cética, sim, mas nascida em um país tão marcado pela cultura judaico-cristã como o é a Polônia, a estes parâmetros e verdade intuídos no que chamaríamos de leis (tão pouco misericordiosas) da natureza, e aí reside talvez sua diferença em relação aos poetas românticos que a precederam, como Blake ou Keats, a busca por conhecimento na poesia da polonesa parece operar-se entre o que se aprende com a natureza e o que se desaprende com a História. Em seu trabalho, conhecimento e sabedoria não parecem ser operações de adição ou acumulativas. Pelo contrário, a poeta parece dizer que é por subtração de certezas que chegamos a algumas verdades talvez ligeiramente menos instáveis. Seu poema sobre a estratégia da holotúria diante de seus predadores parece-me bastante emblemático neste aspecto. Se cedo ou tarde a existência há-de devorar-nos, Szymborska sugere que colaboremos com o que tanto tememos justamente para postergá-lo. Parece-me um pensamento de grande coragem, de uma tenacidade ética gigantesca. Em seu discurso *On courage and resistance*, quando recebeu o Prêmio Oscar Romero, a escritora norte-americana Susan Sontag (1933 – 2004) – outra escritora tão apaixonada pela fortitude ética – escreveu: "Nós somos carne. Nós podemos ser perfurados por uma baioneta, feitos em pedaços por um homem-bomba. Podemos ser esmagados por uma escavadeira, fuzilados dentro de uma catedral."

É esta mesma consciência da fragilidade de nossa existência física que parece comandar a atenção de Szymborska, exigindo e implicando talvez menos ceticismo que uma modéstia tenaz, uma modéstia que é ao mesmo tempo bravura. Em seu poema *Torturas*, ela escreve: "O gesto das mãos protegendo o rosto, / esse permanece o mesmo. / O corpo se enrosca, se debate, se contorce / cai se lhe falta o chão, encolhe as pernas, / fica roxo, incha, baba e sangra. // Nada mudou. / Apenas o curso dos rios, / do contorno das costas, matas, desertos e geleiras. / Entre essas paisagens a pequena alma passeia, / some, volta, chega perto, voa longe, / estranha a si própria, inatingível, / ora certa, ora incerta da sua existência, / enquanto o corpo é, é, é / e não tem para onde ir", em tradução de Regina Przybycien na bela antologia publicada no ano passado pela editora Companhia das Letras. Nosso corpo degradável e nossa dor como bens comunitários. Parece-me uma percepção de um discernimento espiritual aterrador, lembrando-me o aviso de Orides Fontela, de que "a lucidez / alucina". E foi dialogando várias vezes com esta poeta polonesa, de quem pude conhecer o trabalho apenas em tradução, em busca desta lucidez e clareza assustadoras, consciência de tudo aquilo que sangra e incha e baba, o único que parece seguir invariável em meio às catástrofes acumulativas sob os pés do Anjo de Walter Benjamin, que eu próprio escrevi num poema que "minha reação / à temperatura é a única / invariável em minha equação / pessoal para a História", e "se a garganta se engarrafa / e os lábios racham, não há sistema de defesa / contra os herdeiros / de Eros ou Herodes, / ilustríssimos predadores", identificando-me, no entanto, mais com as mixinas que com as holotúrias da polonesa.

Se Szymborska mantinha sua atenção sobre as coisas concretas deste mundo devastado e devastador, instintivamente parecia manter-se consciente do que Ludwig Wittgenstein formulou com as palavras: "O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas", sabendo que tais fatos são apenas coleções de palavras, e, como o austríaco, parecia acreditar também que "mesmo depois de serem respondidas todas as questões científicas possíveis, os problemas da vida permanecem completamente intactos". E estes problemas talvez tenham solução nenhuma. Se Szymborska parece confiar em certas lições que podem ser intuídas entre a Natureza e a História, ela não se entrega jamais a qualquer determinismo ou mera relação de causalidade, pois parece, mais uma vez recorrendo a Wittgenstein, saber que "algo pode ser o caso ou não ser o caso e tudo o mais permanecer o mesmo". Em seu poema *Por um acaso*, Szymborska escreve: "Poderia ter acontecido. / Teve que acontecer. / Aconteceu antes. Depois. Mais perto. Mais longe. / Aconteceu, mas não com você. / Você foi salvo pois foi o primeiro. / Você foi salvo pois foi o último. / Porque estava sozinho. Com outros. Na direita. Na esquerda. / Porque chovia. Por causa da sombra. / Por causa do sol. / Você teve sorte, havia uma floresta. / Você teve sorte, não havia árvores. / Você teve sorte, um trilho, um gancho, uma trave, um freio, / um batente, uma curva, um milímetro, um instante. / Você teve sorte, o camelo passou pelo olho da agulha. / Em consequência, porque, no entanto, porém. / O que teria acontecido se uma mão, um pé, / a um passo, por um fio / de uma coincidência. / Então você está aí? A salvo, por enquanto, das tormentas em curso? / Um só buraco na rede e você escapou? / Fiquei mudo de surpresa. / Escuta, / como seu coração dispara em mim."

Ano passado, a Companhia das Letras publicou o primeiro volume de poemas da autora em território nacional

Neste exato momento, há torturas, guerras, catástrofes ocorrendo. Holotúrias seguem sendo devoradas. Para estes fatos, a morte de Wisława Szymborska a 1° de fevereiro de 2012 não faz a menor diferença. Mas se ela estivesse viva, certamente haveria maior alegria no mundo para tantos de nós que a lemos com admiração e o prazer daquelas três palavras que ela celebrou: "Não morrer demais".

Ricardo Domeneck é poeta brasileiro residente em Berlim. Autor, entre outros, do livro *Cigarros na cama (Berinjela/Modo de Usar & Co.)*

O LIVRO

POEMS (POEMAS)
Tradução Regina Przybycien
Editora Companhia das Letras
Páginas 168
Preço R$ 39,50

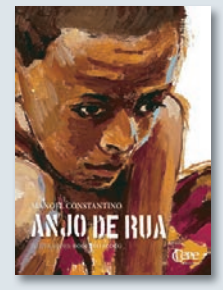
HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS

O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL

Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

R$ 15,00



ANJO DE RUA

Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R$ 20,00

A CABRA SONHADORA

Luzilá Gonçalves Ferreira

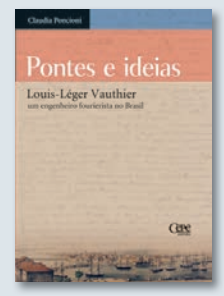
A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R$ 15,00

O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R$ 95,00

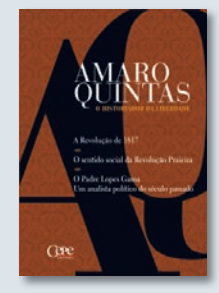


PONTES E IDEIAS

Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE

Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R$ 60,00

PANO RÁPIDO

Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algomais*.

R$ 40,00

TAPACURÁ

Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

R$ 15,00

POEMAS

Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

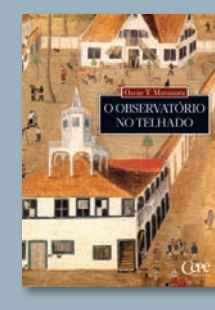
R$ 45,00

TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA

Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO

Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R$ 25,00

Cepe EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** *livros@cepe.com.br*

INÉDITOS

Cleyton Cabral

Solidão é ter um sol irradiando por dentro e não sair de casa.

PICADEIRO

Enfermeiro largou o hospital e fugiu com o circo depois que descobriu a veia cômica.

VERÃO

PÓS-DRAMÁTICO

Depois de duas carreirinhas ficou fazendo cena.

SUPERFÁCIL

Venho trabalhando o desapego de você. Não, não é fácil cruzar com você na rua e receber um oi, como vai? Bem que você poderia mudar de calçada, baixar a cabeça, mas não, parece pirraça. Mudei o roteiro de chegar ao trabalho, o supermercado, os bares, os cinemas. Mas é incrível a sua capacidade de me achar como se eu fosse uma resposta de palavras cruzadas. Nível superfácil. Tento desviar, entrar numa loja, me esconder atrás de uma árvore, mas em segundos você está ao meu lado como um fantasma. Fantasma que fala. Fantasma que pergunta se estou bem, se está tudo legal, como andam as coisas? Aí termino olhando nos seus olhos, dizendo que sim, estou bem (no fundo nem está tão legal assim), que a agitação dos dias tem sido produtiva etc., etc. E você convida para um café, um filme, ver a exposição que acabou de entrar. Porra, vê se some, evapora. E eu digo sim. Desapegar-se de algo que mexe com a gente é difícil. Como a palavra cruzada que você não sabe a resposta e vai lá no final conferir: amor.

FUZIL

Depois dos três tiros, o repórter cobriu o morto.

AULA DE GÊNEROS

Matar é dramático?

Pica é épico?

Larica é lírico?

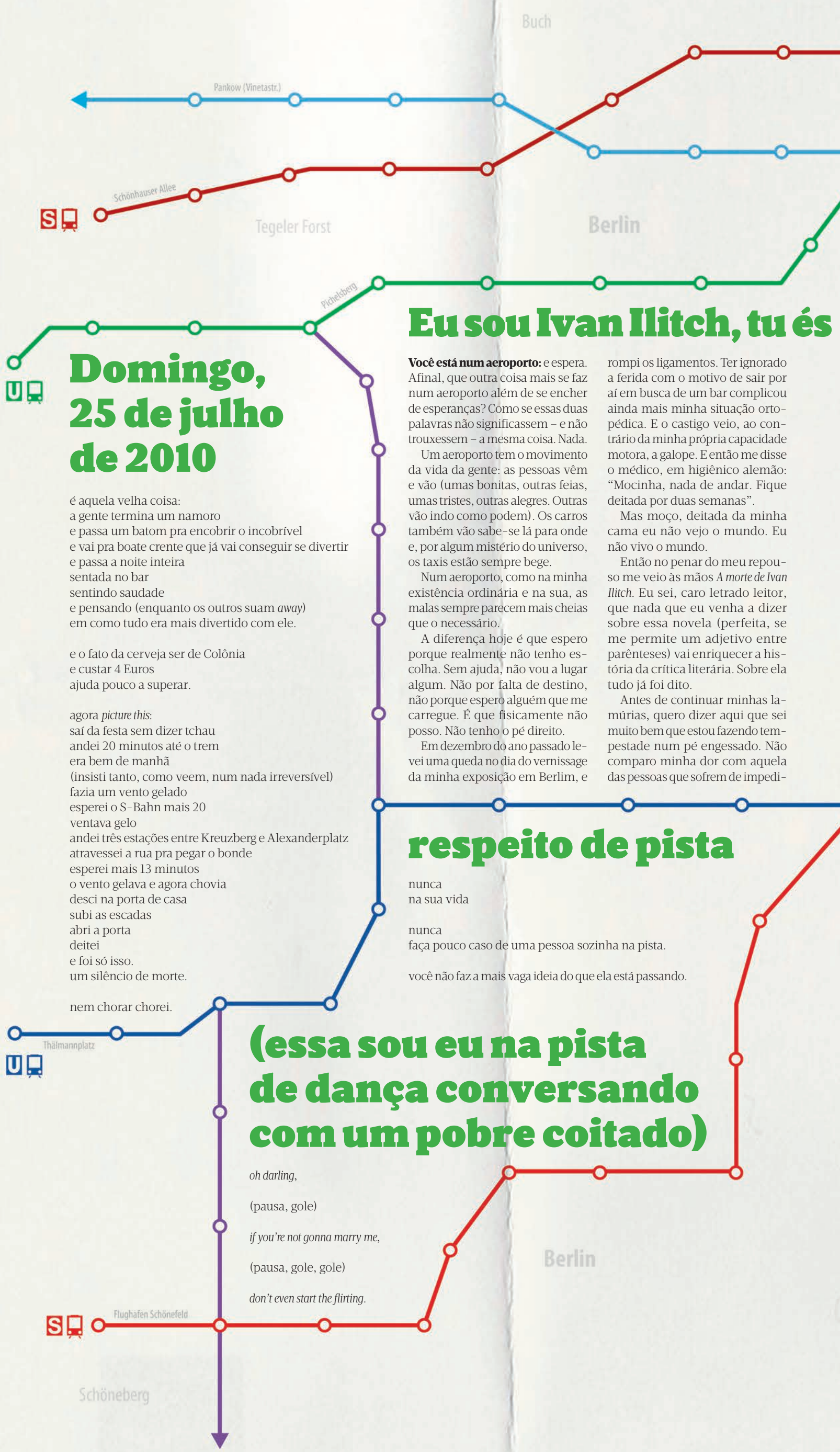
SOBRE O AUTOR

Cleyton Cabral lança em abril seu livro de estréia *Templo nublado no céu da boca*

JANIO SANTOS

INÉDITOS

Adelaide Ivánova



Domingo, 25 de julho de 2010

é aquela velha coisa:
a gente termina um namoro
e passa um batom pra encobrir o incobrível
e vai pra boate crente que já vai conseguir se divertir
e passa a noite inteira
sentada no bar
sentindo saudade
e pensando (enquanto os outros suam *away*)
em como tudo era mais divertido com ele.

e o fato da cerveja ser de Colônia
e custar 4 Euros
ajuda pouco a superar.

agora *picture this*:
saí da festa sem dizer tchau
andei 20 minutos até o trem
era bem de manhã
(insisti tanto, como veem, num nada irreversível)
fazia um vento gelado
esperei o S-Bahn mais 20
ventava gelo
andei três estações entre Kreuzberg e Alexanderplatz
atravessei a rua pra pegar o bonde
esperei mais 13 minutos
o vento gelava e agora chovia
desci na porta de casa
subi as escadas
abri a porta
deitei
e foi só isso.
um silêncio de morte.

nem chorar chorei.

Eu sou Ivan Ilitch, tu és respeito de pista

Você está num aeroporto: e espera. Afinal, que outra coisa mais se faz num aeroporto além de se encher de esperanças? Como se essas duas palavras não significassem – e não trouxessem – a mesma coisa. Nada.

Um aeroporto tem o movimento da vida da gente: as pessoas vêm e vão (umas bonitas, outras feias, umas tristes, outras alegres. Outras vão indo como podem). Os carros também vão sabe-se lá para onde e, por algum mistério do universo, os taxis estão sempre bege.

Num aeroporto, como na minha existência ordinária e na sua, as malas sempre parecem mais cheias que o necessário.

A diferença hoje é que espero porque realmente não tenho escolha. Sem ajuda, não vou a lugar algum. Não por falta de destino, não porque espero alguém que me carregue. É que fisicamente não posso. Não tenho o pé direito.

Em dezembro do ano passado levei uma queda no dia do vernissage da minha exposição em Berlim, e rompi os ligamentos. Ter ignorado a ferida com o motivo de sair por aí em busca de um bar complicou ainda mais minha situação ortopédica. E o castigo veio, ao contrário da minha própria capacidade motora, a galope. E então me disse o médico, em higiênico alemão: "Mocinha, nada de andar. Fique deitada por duas semanas".

Mas moço, deitada da minha cama eu não vejo o mundo. Eu não vivo o mundo.

Então no penar do meu repouso me veio às mãos *A morte de Ivan Ilitch*. Eu sei, caro letrado leitor, que nada que eu venha a dizer sobre essa novela (perfeita, se me permite um adjetivo entre parênteses) vai enriquecer a história da crítica literária. Sobre ela tudo já foi dito.

Antes de continuar minhas lamúrias, quero dizer aqui que sei muito bem que estou fazendo tempestade num pé engessado. Não comparo minha dor com aquela das pessoas que sofrem de impedi-

nunca
na sua vida

nunca
faça pouco caso de uma pessoa sozinha na pista.

você não faz a mais vaga ideia do que ela está passando.

(essa sou eu na pista de dança conversando com um pobre coitado)

oh darling,

(pausa, gole)

if you're not gonna marry me,

(pausa, gole, gole)

don't even start the flirting.

SOBRE A AUTORA

Adelaide Ivánova é fotógrafa e escritora brasileira residente em Colônia. Esses textos fazem parte do seu livro inédito *Sobre meninos*

abc

there's something about the boys do subúrbio.
tem alguma coisa em São Fetiche do Campo.

Ivan Ilitch, Ele é...

mentos físicos permanentes. Quero apenas compartilhar meu infortúnio – e, como o de costume, refletir sobre o corpo e a interferência dele nas nossas emoções (ou, vá lá, nas minhas).

Ivan Ilitch, aquele Zé-Ninguém, correto, crente e obediente de Tolstoi, entendeu que mesmo uma existência inofensiva à humanidade não poderia salvá-lo de sofrer menos com o definhamento do corpo. Não era a doença que violava a humanidade de Ivan, mas a imobilidade. A *Torá* diz que tudo está em movimento e o que não se movimenta, morre.

Pois por isso mesmo não me admira que, depois de tanto tempo olhando para o botão encravado em seu divã, Ivan Ilitch ficou com raiva não do sofá em si, mas de Deus. "Para quê me trouxeste até aqui?", quis saber o homem. Como outrora perguntou Vinicius, quando de uma época de coração partido: "Se foi para desfazer, por que é que fez?".

Posso estar muito errada, mas duvido que algum deles tenha obtido alguma resposta.

Meu pé inútil, sua síndrome do pânico, nosso medo de morrer são doenças ordinárias, completamente desinteressantes. Ninguém vai fazer cara de espanto com isso. Meu pé tomou a proporção que eu lhe dei, assim como aquela tão versada sarna. E essa proporção não cabe em nenhum sapato 34. As pessoas vão dizer para você ter paciência, mas você quer conseguir tomar um banho sozinho – você quer tomar um banho em pé. Vão dizer que você está fazendo drama, que há pessoas morrendo de fome, e esse veto ficcional eu veto de volta. Não me venham dizer que minha dor é pequena, porque é a minha e é a que tenho.

Não há outra forma de se reagir quando, em vez de mover-se, de participar, lhe resta apenas a observação.

E se é isso que lhe resta, que assim seja e que assim se faça.

Terça-feira, 1° de junho

"your room has a red couch, bed, a record player, desk.
not too much storage space though...
but enough space to dance"

nunca imaginei que alguém faria poesia nos classificados.

stadt sapatão

eu tenho uma namorada
e ela se chama Berlim
a gente se vê todo dia
ela nunca me ignora
ela está sempre disposta
ela sempre sai comigo
e gosta de andar de mãos dadas

eu tenho uma namorada
e ela está tão triste.

Like a prayer

oi pai do céu
estou neste momento vestindo meu melhor vestido e pedindo
que o senhor me mande um motivo bem bonito
que me ajude
a sobreviver
só mais essa noite.

aprendi com Rachel

tem gente que lê romances.
tem gente que vive em um.

Quarta-feira, 29 de Setembro

meu Deus
nada acontece.

Minha divina comédia pessoal

tu és minha beatriz.

tu és tão lindo.

JANIO SANTOS

RESENHAS

JANIO SANTOS SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO

A vastidão a que o leitor de Borges é condenado

Coletânea de artigos traz o escritor argentino se debruçando sobre tigres, Dante e Shakespeare

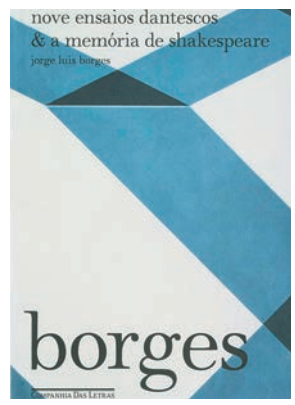
Schneider Carpeggiani

Talvez a marca mais grandiosa da literatura de Jorge Luis Borges seja a impureza. A mistura e a contaminação fazem seus contos serem lidos como ensaios e vice-versa, num jogo que só comprova uma questão: quem faz o gênero é o leitor; é ele quem compreende um livro seguindo seus próprios desejos e necessidades, como se guiado por uma bússola particular e intransferível. Como leitor fiel de Borges, por exemplo, acredito que a ficção *O Aleph* é uma descrição das mais fieis do universo e da sua gênese. É como se estivesse lendo um livro de ciências que me revelasse a simultaneidade com que as coisas convivem e dependem uma das outras. E mais: releio *O Aleph* acreditando que vou ter alguma revelação ao final da leitura, ainda que a revelação maior seja a minha crença de que algo será revelado, num claro processo de imersão borgeana.

É lendo Borges dessa forma bem particular que recomendo *Nove ensaios dantescos & a memória de Shakespeare*, que a Companhia das Letras lança agora dentro da sua coleção Biblioteca Borges. A obra se insere de maneira exemplar na perspectiva de impureza e contaminação, a que nos referimos anteriormente. Há contos, ensaios, fragmentos e um prólogo que é tudo isso ao mesmo tempo. Cabe ao leitor escolher a classificação da sua leitura.

E o leitor, já acostumado ao universo borgeano, sabe da vastidão do imaginário do escritor argentino em se tratando de Dante. O texto (vamos chamá-lo assim, para não aprisioná-lo na "armadura" de ensaio) *O último sorriso de Beatriz* dá uma boa ideia de como Borges amplia o mestre italiano: "Tenho a impressão de que Dante edificou o melhor livro produzido pela literatura para intercalar alguns encontros com a irrecuperável Beatriz. Melhor dizendo, os círculos do castigo e o Purgatório austral e os nove círculos concêntricos e Francesca e a sereia e o Grifo e Bertrand de Born são intercalações; um sorriso e uma voz, que ele sabe perdidos, são o que importa". Sua perspectiva tão aguda da estratégia dantesca de se aproximar da musa Beatriz é compreensível. *O Aleph* trata de um homem que escolhe ver o universo inteiro apenas para ler as cartas íntimas da amante morta. A visão Total seria apenas o álibi de um *voyeur* atormentado por detalhes.

Se com esse livro compreendemos melhor Dante, também visualizamos o fascínio de Borges pelo tigre, como símbolo e animal: "Uma famosa página de Blake fez do tigre um fogo que resplandece e um arquétipo eterno do Mal; prefiro a sentença de Chesterton, que o define como um símbolo de terrível elegância. Não há palavras, ademais, que possam cifrar o tigre, essa forma que há séculos habita a imaginação dos homens". E, como Borges sempre nos alertou, é bom ter cuidado: o tigre está à solta na biblioteca.



ROMANCE

NOVE ENSAIOS DANTESCOS & A MEMÓRIA DE SHAKESPEARE
Autor – Jorge Luis Borges
Tradução – Heloisa Jahn
Editora – Companhia das Letras
Preço – R$ 29,50
Páginas – 104

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

PERFORMÁTICO

Apresentações de Biagio integram projeto de pesquisa para mestrado que começa na USP

Desde 2009 o poeta e ator Biagio Pecorelli realiza performances inusitadas, usando o corpo para expressar suas criações. A série *In-Margem* faz parte do projeto que ele inicia neste mês, no Programa de Mestrado em Artes Cênicas da USP. A performance mais recente foi realizada em fevereiro, às vésperas do Carnaval, quando o poeta ficou amarrado em uma cama, exposto ao público durante quatro horas, para expressar a ideia de morte como negação da vida (foto). Outras apresentações incluíram vestir-se de astronauta e colocar uma bandeira no Capibaribe, no aniversário da chegada do homem à lua; amarrar-se num poste com caranguejos vivos na cabeça, desculpando-se pelo sumiço da estátua de Chico Science na Rua da Moeda.

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

HQ nacional em boa fase

Vermelho, vivo, *graphic novel* pautada num conto de Cristina Judar, com projeto gráfico, desenhos e arte-final de Bruno Auriema, é mais uma prova de que os quadrinhos nacionais andam numa boa fase, com espaço garantido em grande editoras a exemplo da Devir Livraria, que assina a publicação.

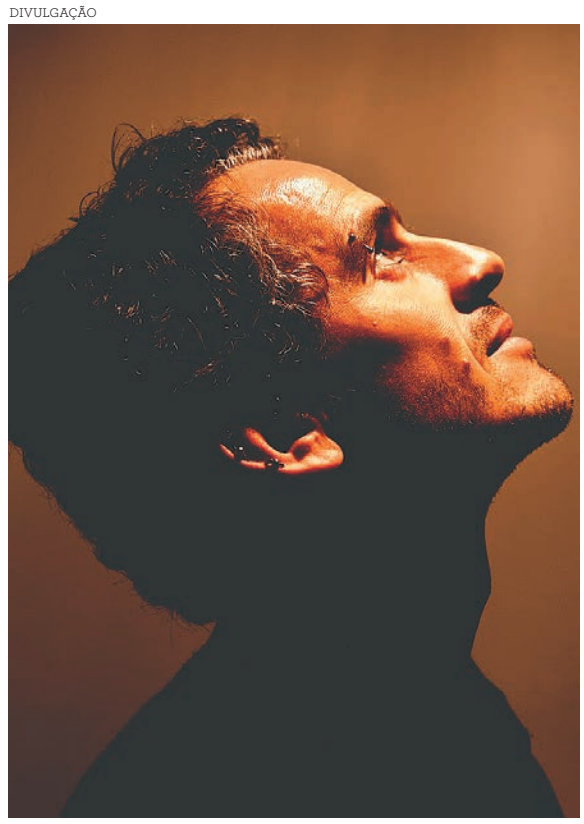
Bem finalizada, com um roteiro correto e complexo – que vai desnudando a personagem principal Clara Martins –, a história tem um tom essencialmente feminino, começa com uma simples tentação de uma garota diante de um produto *fashion* – um batom japonês – e vai entrando em questões espinhosas, como o abuso às crianças, a solidão, a inveja, o medo e o assédio sexual pelo qual passam tantas mulheres.

Tudo no roteiro tem um tom difuso: a vida banal de uma menina de classe média baixa se mostra bem mais problemática do que as aparências deixam antever. E o que inicialmente nos parece corriqueiro, acaba resultando em violência crescente. A opção pelas cores quentes, em consonância com o título e com o *leit motiv* da história. **(Danielle Romani)**

QUADRINHOS

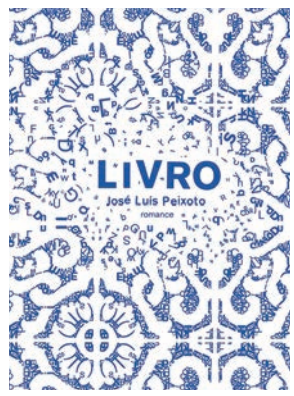
Vermelho, vivo
Autor – Vários
Editora – Devir Livraria
Preço – R$ 18,50
Páginas – 48

DIVULGAÇÃO



Uma voz bem particular

A literatura contemporânea portuguesa não cessa de dar exemplos da sua força. É o caso do escritor José Luis Peixoto, vencedor do Prêmio José Saramago pelo romance *Nenhum olhar* (2001), obra seminal sobre o Diabo (ou mesmo "um diabo") à solta no Alentejo. O escritor retorna agora com *Livro*, cujo protagonista é justamente o tempo. Não o tempo dos relógios ou do tédio, mas o tempo enquanto matéria-prima da própria vida. Ou como pontua o crítico José Castello, talvez *Livro* trate do amor "que amarra destinos, acorrentando-os. Talvez trate da saudade, um tema tão português, palavra intraduzível na qual o tempo e o amor deságuam. Creio, porém, que no centro de tudo está o próprio livro – e isso o título do romance já diz com clareza. A literatura como instrumento de captura da memória e produção de destinos". Independente do tema, vale a pena se aventurar pela sua narrativa *sui generis*, que parece ter escolhido a concretude do substantivo "livro" como melhor artifício das metáforas. **(Schneider Carpeggiani)**



ROMANCE

LIVRO
Autor – José Luís Peixoto
Editora – Companhia das Letras
Preço – 42,00
Páginas – 288

PRATELEIRA

ESTRADA ESCURA

A dupla de detetives de Boston criada por Lehane há cerca de 12 anos, Patrick Kenzie e Angie Genaro, parceiros e amantes, envolve-se com a máfia russa ao tentar encontrar uma jovem problemática, por quem nutrem sentimentos de culpa. A busca os leva a um emaranhado de crimes que incluem sequestro, tráfico de drogas e de pessoas, falsificação e roubo de relíquias, entre outros.

Autor::Dennis Lehane
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 336
Preço: R$ 37,00

MACÁRIO, OU DO DRAMA ROMÂNTICO EM ÁLVARES DE AZEVEDO

A especialista em literatura brasileira do século 19, Sirihal Werkena, analisa o drama *Macário*, de Alvares de Azevedo, tão singular que exigiu a criação de novos códigos de interpretação e classificação, já que oscila entre teatro, diário íntimo e narrativa. O tema trata de um estudante que encontra em Satã um falso amigo, disposto a apresentá-lo à devassidão de uma cidade.

Autora: Andréa Sirihal Werkema
Editora: UFMG
Páginas: 252
Preço: R$ 40,00

SUA MÃE

Um menininho começa a descobrir o valor e o significado das palavras, e começa a montar uma relação muito especial com vários objetos e pessoas, em especial a mãe e o avó. A autora mineira e a ilustradora pernambucana, Rosinha, resgatam memórias da meninice na criação dessa história cheia de sutilezas sobre o uso da linguagem.

Autora: Ana Elisa Ribeiro
Editora: Autêntica
Páginas: 24
Preço: R$ 27,00

ALICE NO TELHADO

Prêmio Glória Pondé de Literatura Infantojuvenil de 2011, o livro traça um paralelo com *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, resgatando os mesmos personagens da obra clássica, que, graças às ilustrações de Nelson Cruz, "correm" de uma página a outra, enquanto se veem perdidos num cenário urbano, e acabam caindo no vazio.

Autor: Nélson Cruz
Editora: SM
Páginas: 32
Preço: R$ 33,00

LIVRO DIGITAL

CBL faz congresso internacional em maio

Será nos dias 10 e 11 de maio, no Centro Fecomércio de Eventos, em São Paulo, o 3º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, promovido pela Câmara Brasileira do Livro. O tema é *A nova cadeia produtiva de conteúdo – do autor ao leitor*. Serão discutidas todas as nuances do mercado para este segmento editorial, desde aspectos tecnológicos, direitos autorais etc. O mercado do livro digital é um dos que mais cresce no mundo.

PARABÉNS

Instituto Maximiano Campos comemora 10 anos

O ano é de comemoração pelos 10 anos do IMC, que tem uma penca de projetos. Depois de repaginar o site *www.imcbr.org.br*, o instituto vai inaugurar o Museu do Miniquadro em Pernambuco e realizar o projeto Poço das Artes, dando visibilidade a artistas do Poço da Panela, onde se situa, e já anunciou o mote da Eco-Fliporto 2012: os baobás de Pernambuco, que catalogou recentemente.

SARAU PLURAL

Programação atrativa no primeiro semestre de 2012

Vinicius Sarmento, no violão de sete cordas, junta-se a Marco Polo, Homero Fonseca e Geraldo Maia no comando da programação do Sarau Plural. Dia 27 de março tem Schneider Carpeggiani discutindo casos solúveis e insolúveis, tramas policiais e paixões humanas. Os outros convidados são Leda Alves (24 de abril), Miró (29 de maio) e Frederico Pernambucano de Mello (26 de junho).

CRÔNICA

Marcelino Freire

RICARDO MOURA

A soltura da alma e uma ou duas lembranças azuis-celestes

Schneider Carpeggiani foi quem me convidou. Para escrever, aqui no suplemento, sobre Wilson Bueno. A partir de texto que ele, Schneider, leu em meu blog. Ave nossa! De cara, topei. E fiquei, nas férias, remoendo a empreitada. Dias, noites e dias. Ave Maria! Por onde começar a contar? Da minha admiração pelo escritor paranaense. Qual ponto, de fato, pontuar? Aonde chegar chegando?

Na minha página na internet, a *Ossos do ofídio* (*marcelinofreire.wordpress.com*), falava eu sobre o romance póstumo do Bueno. Um dos melhores lançados no ano passado. Título, a saber: *Mano, a noite está velha*. Editora: Planeta. Desenredo: um acerto de contas, meio autobiográfico, em que o autor conversa, o tempo todo, com o seu irmão morto.

E o cenário desse livro eu conheço. Lembro-me quando estive na casa de Bueno em Curitiba no ano de 2002, 2003, não sei... Um sobrado azul-celeste. E ele me mostrou a escrivaninha. O quarto por onde entrava o sol na sua linguagem. O lugar em que Bueno derramava o verbo. Eis o que me encanta em sua obra: o apuro da língua além da língua, seus voos, suas viagens sem volta.

À época, em sua sala, ele leu para mim trechos do romance *Amar-te a ti nem sei se com carícias*. Ave nossa! Belo livro em que ele se apropria de um estilo machadiano, digamos. Tomando a voz do século 19 para si. Esse jeito de se vestir que o Bueno tinha. Lusitano. Isso quando ele não se aventurava em mares nunca dantes mergulhados. Assim, em nossa literatura. Como na feitura do seu, há tempo, já clássico *Mar paraguayo*. O primeiro de nossos autores a experimentar o portunhol selvagem. Com que classe! Com que ironia! Anárquica.

Bueno não se continha. E eu gosto e cultuo e celebro esse tipo de coragem. De inquietação que ele tinha de sobra. Quando criou, por exemplo, o histórico jornal *Nicolau* etc. e tal.

Mas, ora. Creio que, quando Schneider me fez o convite, não foi para traçar, aqui, um perfil biográfico. Mas trazer, sobretudo, um testemunho. Uma espécie de homenagem a esse que sempre foi um dos meus heróis de cabeceira.

Então, beleza.

Coloco o Bueno na mesma estante, afetiva, em que está para mim o português Vergílio Ferreira. Autor de *Alegria breve* – de quem tenho todos os livros. Ou ainda: ao lado da mesma soltura de alma que possui o grande João Gilberto Noll. Bueno – idem Noll – tem a música de que gosto. As sonoridades. As pulsações de pontuação. Salve, salve.

Corte.

Perder o Bueno foi uma infelicidade.

Pausei.

Pensei, lá atrás, que pudesse começar este texto pelo dia 30 de maio de 2010. O dia do espanto. O dia em que meu coração já amanheceu de luto. Profundo. Wilson Bueno faleceu na mesma data. No mesmo domingo que minha mãe.

Fundo.

Calei.

Se eu procurasse por palavras. Que pudessem traduzir dia tão escuro. Um escritor como Bueno não estaria mais ali para me ajudar. Sem contar as circunstâncias da morte do criador de *Meu tio Roseno, a cavalo*. A tragédia. O crime brutal. Ocorrido ali, na casa que visitei. Azul-celeste. Cenário, repito, que aparece, fúnebre e melancólico, no seu mais recente romance – nas suas, agora, de alguma forma, "memórias póstumas".

Meu Cristo!

Melhor seria mudar o rumo da prosa. Bueno não gostaria que este meu texto forçasse a penumbra. O terror que é viver. Logo ele, uma das figuras mais engraçadas que conheci. Com quem convivi, algumas vezes, em eventos pelo Brasil.

Recordo-me, saudosamente, de Bueno em uma das festas literárias internacionais de Paraty. Lá, nós dois em um almoço na casa do príncipe Joãozinho de Orleans. A cara, propositalmente, enjoada que o Bueno fazia. Tomando o caldo quente de entrada. A gente ria. As cadeiras no jardim afundavam na areia fofa. Imagine a cena: Bueno, fazendo cara de monarquia e sentindo os pés da cadeira afundando. Inesquecível! Bradava ele a quem quisesse ouvir: "O império está ruindo, o império está ruindo".

Enfim...

Ainda: depois de Cortázar, foi Wilson Bueno quem me veio trazer outros bestiários. Animais, contos e parágrafos engaiolados, enjaulados. Como não admirar os jardins zoológicos que ele criava? Feras para quem, em obras como *Manual de zoofilia*, ele dava voz, gozo e ritmo.

Eta danado!

Não. Infelizmente, não fui amigo íntimo de Bueno. Mas em algum momento a nossa natureza se comunicava. Gente que a gente fica feliz que esteja vivendo no nosso mesmo tempo – respirando as nossas mesmas paixões e acontecimentos.

Daí essa ausência.

Este meu texto pequeno. Pouco. Insuficiente. Improvisado. Que nunca dará conta do que eu sinto. Do que eu quero dizer.

Para isto, o(a) leitor(a) deste suplemento terá os livros do Wilson Bueno. Para ler e reler.

E para, com eles, eternamente viver.

SOBRE O AUTOR

Marcelino Freire é autor, entre outros, de *Amar é crime*, livro de contos recém-publicado pela Edith (*visiteedith.com*).